



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**ANTONIO DA LUZ TRINDADE**

**LITERATURA EM ENSINO: UMA PRÁTICA DE MUNDO**  
***A FORMAÇÃO DO EDUCADOR FORMADOR***

**PORTO ALEGRE**

**2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**LITERATURA EM ENSINO: UMA PRÁTICA DE MUNDO  
*A FORMAÇÃO DO EDUCADOR FORMADOR***

**ANTONIO DA LUZ TRINDADE**

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. ANA LÚCIA LIBERATO TETTAMANZY**

**Trabalho de Conclusão de Curso em Letras  
Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de  
Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul.**

**PORTO ALEGRE**

**2010**

*In Memoriam*

*Dedico este estudo a meu avô materno, Antônio Correa da Luz, fonte de minha inspiração de caráter e de ser humano. Nunca a pá e a enxada me dedicaram tanta sabedoria, a sabedoria que só a vida pode oferecer à luz da simplicidade, da sinceridade e do amor ao que se faz e ao que se é.*

## AGRADECIMENTOS

Sempre tive em mente que escrever em primeira pessoa é uma questão de caráter, de personalidade e de sinceridade, valores constituídos e medidos na intensidade das vivências de minhas experiências. De alguma forma, muito ou pouco relevante, todas as almas que transitam pelos caminhos de minha vida sempre deixam uma lição, um gesto, uma palavra ou um olhar que interferem em minha maneira de enxergar o mundo, que me fazem repensar as ideologias que me norteiam, que me provocam sentimentos e despertam ou fortalecem o que há de mais íntimo em mim. Nunca se sabe para qual lado a balança da justiça pende quando devotamos nossa gratidão e carinho e quais pessoas e realizações colocamos na paisagem de nossas lembranças. Todavia, acredito que se laureamos uma parcela de pessoas que contribuíram para a formação do sujeito histórico que somos é porque essas são capazes de representar, com honra ao mérito, o grandioso universo de nossas relações.

Falar de mãe, nessas horas, é pagar tributo e continuar em dívida. Jamais poderei, nem em sonhos, retribuir tudo que minha mãe, Áurea, mulher de muita fibra, fez e faz pelos seus dois filhos, motivos de sua dedicação, de seus sacrifícios e de sua incrível coragem para enfrentar todas as dificuldades impostas por uma sociedade machista, patriarcal, autoritária e agressora da dignidade da mulher. Ela nunca temeu nem fugiu da responsabilidade de zelar e garantir dignidade e bem-estar a suas crias antes mesmo de garantir a ela. Raramente algo faltou, e mesmo nesses momentos ela era solidária com o que sobrava. Não houve um momento sequer de indiferença, de hostilidade e de dúvida da sua parte perante minha escolha pela licenciatura. Bem pelo contrário. Ver seus olhos brilhar quando se dirige a suas amigas e diz “Meu filho é professor” nos oferece raros momentos de profunda expressão de ternura, já que em nosso seio familiar os sentimentos são protegidos por uma dura e espessa camada de tristezas cimentada pela vida. Mas é nela em quem me espelho quando penso em desistir de um sonho, é a sua imagem que me faz reerguer e continuar.

Agradeço à vida por ter-me dado um grande ídolo, um herói, meu avô materno, Antônio Correa da Luz, de inigualável caráter e de iluminadíssima humildade. Sempre me mostrou como o ser humano tem muito a aprender com a pá e a enxada, com a terra que semeia, em que planta e da qual colhe. Ele era o homem que estava comigo quando fiz minha primeira barba com espuma de sabonete aos 12 anos, que me ensinou a verter

água da terra e cimentar os tijolos de um lar; foi quem cumpriu por muitos anos o papel de pai e de fato me tratou como um filho, o que nunca teve. Devo a meu avô os significados de hombridade, de simplicidade e de respeito. Devo a ele este *In Memoriam* homenagem da eterna saudade que sinto daquele em quem me espelharei quando tiver meus filhos.

Meu pai, Antônio Trindade Filho, o exemplo máximo de como nunca é tarde para mudarmos, para revermos os equívocos que cometemos e o quanto faz falta o homem que deveria ser responsável pela constituição da relação entre pai e de filho. Por muito tempo me forjei na rebeldia adolescente por causa de meu pai. Contudo, doía-me n'alma a concomitante consciência de negar sua existência e da falta que me fazia, das coisas que só podiam ser dividas entre homens, entre pai e filho, do quanto eu gostaria que ele soubesse do orgulho que tenho quando digo a meus amigos que ele é o melhor gourmet do mundo e do quanto aprendi da importância do perdão, pois um dos ensinamentos que tive com a literatura foi que o passado só se faz importante se estimula o presente a construir algo novo, que dê conta de necessidades e angústias desvalorizadas outrora. Hoje aprendi isso e tenho admiração ao chamá-lo de pai.

Meu irmão, Anderson, que deveras amo e muitas vezes invejei pela coragem e capacidade em tirar da vida sempre o melhor, a quem reservo minhas preocupações, meus deveres e todo meu carinho na tentativa de cumprir o papel de irmão mais velho, na ilusão de que posso compor a representação de pai. A meu fraterno devo o maior aprendizado de minha vida: no momento em que a família desmoronava pelo distanciamento e indiferença, ele mostrou com suas lágrimas toda ausência de carinho que sentia desde criança, algo renegado pelo meu egoísmo de tornar-me no único que sofria com um lar desestruturado. Hoje podemos dizer, um ao outro, sem medos e vergonhas, eu te amo.

O conhecimento não significa nada sem a práxis, sem ser compartilhado. Num universo como o acadêmico, preocupado mais em formar os novos críticos e teóricos literários que formar educadores, muitas vezes sentimentos são mutilados e a humanidade esquecida. O conhecimento vira um adereço ostentado na estante. Como forma de resistência da sensibilidade, da compreensão e da humanidade, sou eternamente grato a Ana Tettamanzy por ter-me acolhido como seu orientando neste trabalho tão significativo para mim, e num momento que imperavam em mim a desilusão com a academia, a desmotivação e a penumbra, sem saber ao certo que direção eu deveria tomar. Muito mais que uma educadora, ela sempre cativou estímulo e

amor pela profissão, acreditando no meu potencial e no objeto desse estudo, uma discussão tão rara e cara à Faculdade de Letras. Ana é uma incansável defensora pública do popular, do canto que canta o dia, da poesia que representa as vias do outro lado da rua, do lado esquecido, subestimado, castigado pela vida; seu rondó versa vivo e forte em mim como uma proteção na luta árdua pela educação de verdade.

Com mesmo apelo, sinto-me lisonjeado por ter encontrado num desses surpreendentes caminhos da universidade a professora e amiga inestimável Maria Regina Barcelos Bettiol, um ser humano de admirável coração, que sempre soube ser exigente e racional sem perder a ternura, uma intelectual que não tem medo de ser amorosa, como diria Paulo Freire. Levo comigo esse exemplo de mulher, batalhadora e firme, uma educadora que jamais titubeia ao expressar suas opiniões, que nunca perde a elegância e a avidez crítica. Carregarei incansavelmente seus conselhos em minha mente e suas palavras amigas em meu coração. A literatura pode muito, mas porque tu, Maria, ainda pode muito mais. Sinto-me um pouco desse mais que tu fazes por aí, pelas andanças do mundo levando a palavra da literatura.

Não poderia permitir-me esquecer de meus colegas de curso e de profissão, amigos queridos e de vital importância na minha formação enquanto sujeito e educador. José Humberto Martins Borges, o Zé, um sinônimo de guerreiro e superação, gente humilde (como diz a canção de Chico, Vinicius e Garoto). Confesso aqui que muito aprendi com sua amizade, com suas sábias palavras nos momentos em que me vi dominado pelas emoções, pelo meu jeito intolerante, algumas vezes, de lidar com as pessoas e suas opiniões divergentes. Fico feliz em preservar desde o início da faculdade para a vida essa valorosa amizade. Com mesma pompa, não seria justo deixar apenas nas lembranças o amigo Luciano Rodolfo, o Lu, uma ausência sempre presente em minha poesia, um capítulo à parte do livro que é essa história, o irmão mais velho que não tive. E mesmo que nossas ideologias sejam tão distintas não deixo de culpar-me por permitir o afastamento que nossas escolhas nos impuseram.

Por último, mas não menos importante, agradeço a todas as forças existentes nas religiões, mitos e lendas dessa terra por fazerem de mim parte desta família gigantesca, incomparável e que tanto nutre meus sonhos, mantém minhas esperanças na educação como uma prática de liberdade, o Projeto Educacional Alternativa Cidadã – PEAC. Não tenho como resumir nem minimizar nenhuma das histórias construídas e divididas ali. Num lugar onde conseguimos construir amizades que nos chateiam e frustram, que nos apóiam e correspondem quando precisamos, que escrevem e dividem conosco as

histórias de nossas vidas, é nesse lugar onde aprendemos de verdade, e se aprendemos verdadeiramente com as amizades os valores essenciais da vida, então esse é um lugar onde se é possível sonhar. Aos meus educandos e colegas educadores, grandes amigos, agradeço pelo que me ensinam todos os dias a cultivar: que sonho que se sonha só é só um sonho, mas sonho que se sonha junto é realidade.

*A educação não muda o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo.*

*Paulo Freire*

*Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade.*

*Paulo Freire*

## RESUMO

Sob a luz de Paulo Freire e a inspiração de Umberto Eco, este trabalho tem como objetivo dar um retorno à Universidade, pois muito se estuda sobre as teorias e interpretações que alimentam a literatura, mas pouco há de pesquisa concreta sobre a formação docente em Literatura dos educandos de graduação em Letras. É importantíssimo que se estabeleça essa relação com as licenciaturas para que se construa uma amostragem real do processo de formação da personalidade do estudante como educador em literatura, de como utilizou o conhecimento construído para exercer seu papel na sociedade, tornando-o prático e relevante à vida das pessoas, realizando educação de verdade, uma educação que valorize e identifique os sujeitos históricos que são os educandos, que lhes possibilite fazer suas próprias escolhas, encontrar seus espaços e aproveitar suas oportunidades na sociedade. Por isso se faz extremamente necessária a associação do ensino/aprendizagem em literatura com o exercício de leituras, não só as leituras distintas que cada pessoa pode realizar em dado momento da vida, mas o exercício de leitura interdisciplinar e de diferentes gêneros textuais, da leitura do mundo pelos outros sentidos, abrangendo nossa visão desse mundo, das realidades, das relações humanas e do modo como a literatura e outras áreas de conhecimento e expressões artísticas podem captar isso, criar e recriar essas percepções da vida. Paraphrasing Umberto Eco: a literatura pode muito, porque a educação pode ainda mais. As pessoas que acreditam na educação libertadora, como Paulo Freire, são capazes de manter vivas as esperanças de um processo formador cidadão, que imbua os indivíduos de consciência de seus direitos e deveres, de luta e resistência por uma sociedade mais justa e menos desigual.

**Palavras-chave:** Educação – literatura – ensino/aprendizagem – leitura - cidadania

## RÉSUMÉ

À La lumière de Paulo Freire et sous l'inspiration d'Umberto Eco, le but de ce travail est de donner des réponses à l'université, car beaucoup a déjà été étudié sur les théories et les interprétations qui nourrissent la littérature, mais il y a peu de recherches concrètes sur la formation d'enseignants en littérature des étudiants de la licence aux cours de Lettres. Il est très important qu'on établisse ce rapport avec les licences pour qu'on construise un échantillon réel du processus de formation de la personnalité de l'étudiant en tant qu'un enseignant en littérature, de comment il a utilisé leur connaissance construite pour jouer leur rôle dans la société, en le devenant pratique et important pour la vie des personnes et en réalisant une vraie éducation, une éducation qui valorise et identifie les sujets historiques qui sont les étudiants, qui leur donne la possibilité de faire ses propres choix et de rencontrer leurs espaces et profiter leurs possibilités dans la société. Pour cela il est extrêmement nécessaire l'association de l'enseignement/apprentissage en littérature avec l'exercice de lectures, tant des lectures que chaque personne peut réaliser dans leur vie, que l'exercice de lecture interdisciplinaire et textuelle, en recouvrant notre vision du monde, des réalités, des rapports humains et de la façon par laquelle la littérature et d'autres domaines de connaissance et des expressions artistiques peuvent s'approprier de cela, créer et reconstituer ces perceptions de la vie. En paraphrasant Umberto Eco : la littérature peut beaucoup, car l'éducation peut encore plus. Les personnes qui croient à l'éducation libertaire, comme Paulo Freire, sont capables de maintenir vivante l'espérance d'un processus de formation citoyenne qui conscientise les individus de ses droits et devoirs, de lutte et de résistance par une société plus juste et moins inégale.

**Mots-clés :** éducation – littérature – enseignement/apprentissage – lecture – citoyenneté

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>LITERATURA: UMA PRÁTICA DE LEITURAS DE MUNDOS .....</b>	<b>20</b>
<b>AS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS: DA PERIODIZAÇÃO E CONTEUDISMO LITERÁRIOS À ANÁLISE LINGUÍSTICA .....</b>	<b>30</b>
<b>ENSINO/APRENDIZAGEM EM LITERATURA: UMA PRÁTICA DE VALORAÇÃO .....</b>	<b>38</b>
<b>Literatura: uma arte que ampara a vida .....</b>	<b>38</b>
<b>Estudos literários e estudos culturais: a dicotomia entre o educando     universitário e o educador da sala de aula .....</b>	<b>46</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>54</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>59</b>

## INTRODUÇÃO

### UMA NOTIVAÇÃO ESPECIAL

A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica.

Paulo Freire

Deixo claro que não falarei de minha vida por uma questão de narcisismo, mas sim porque julgo serem algo mais próximo de mim, mais real e verdadeiro as minhas experiências quanto leitor, educador e sujeito do mundo, pois foram elas que me movimentaram de meu lugar e me fizeram repensar, adaptar-me quanto à minha função de educador em literatura e ator social.

Mundo. A esta palavra somo mais duas, liberdade e literatura, das quais nunca tive, nem por interesse, nem por educação básica, compreensão consciente e crítica. Estava longe de mim, e percebo só hoje, depois de uma intensa história construída dentro da universidade pública, o quanto estas três palavras podem significar dentro de infinitos processos de formação do sujeito, frente a seus objetivos, suas angústias, suas lutas. Hoje sei que o sujeito só se constrói assim quando está inserido socialmente, ou seja, reflete e atua na sua sociedade junto a outros sujeitos. Essa é a base que estabelece as relações entre liberdade e mundo. Mas confesso: o que mais me preencheu de conflitos nestes anos todos de formação acadêmica foi esta bendita literatura. O que é literatura? Como pode ela refletir o ser humano e suas relações no mundo? E eu, como educador, como posso “convencer” meus educandos de que eles podem gostar, entender e construir suas visões de mundo de forma consciente, crítica, em condições de constituírem suas liberdades, através da literatura? Talvez a intenção sempre fora boa, e minhas questões mal formuladas, principalmente, esta última.

Nunca tive dentro de casa, no colo e no seio familiar, o incentivo concreto pela literatura. Meu pai e mãe, de formas bem diferentes, sempre tentavam convencer-me de que eu precisava ler, e ler bem, aliás, muito bem. Meu pai não se preocupava se eu entendia ou não aquela união incrível de palavras escritas nos jornais, apenas desejava que eu não errasse uma pronúncia, pois acreditava que, assim, sem errar e lendo todos

os dias, a inteligência e a boa educação estariam a meu serviço naturalmente. Não sei o porquê, mas algo me estimulava magicamente muito mais quando eu pegava minha mãe de surpresa em seu quarto vertendo cachoeiras de lágrimas por seus cansados olhos ao ler alguns livretos, bem curtinhos, com capas de donzelas e amantes sob o nome de Sabrina ou Júlia. Chamava-me a atenção e a curiosidade essa cena. Preocupava-me vê-la assim só por ler e me questionava do porquê de não sentir o mesmo quando meu pai mandava ler o jornal. Uma vez perguntei a ele o motivo disso acontecer, e ele ofereceu a resposta que todo futuro educador de literatura adoraria escutar: “— Ah, meu filho! É coisa de mulher. Esquece.” É, de um lado, o romantismo de minha mãe e suas novelas sentimentalmente mexicanas; de outro, meu pai com sua brutalidade e efervescência dizendo que só estaria eu atualizado e sabedor do mundo se lesse as críticas ao PT.

Todavia, não foi a escola mais inspiradora que minha casa nessa lida árdua com a leitura, quem dirá com a literatura. Essas experiências caseiras foram o que de mais próximo e incentivador tive para criar o hábito de ler, sem ainda ter a mínima noção de para que serviria ou o que faria comigo esse hábito, essa prática. Não só meus pais, mas eu e todos meus colegas achávamos, inconscientemente, que teríamos as respostas disso tudo (depois de passarmos oito anos num ensino fundamental lendo apenas para decorar possíveis respostas para provas de história e geografia, já que português era só gramática, e redação me lembro apenas de ter feito uma na sétima série sobre como foram minhas férias) quando vimos no currículo do primeiro ano do ensino médio uma disciplina bastante incomum e curiosa: Literatura. Um período por semana, às quintas-feiras, com o mesmo professor de português. Bem, infelizmente, minhas dúvidas estenderam-se até o terceiro ano, já que tanto no primeiro quanto no segundo, o professor não “curtia ficar falando de blá blá blás”, como ele mesmo gostava de se referir à literatura. No último ano, aquele decisivo para o vestibular, eu até gostava de ouvir nosso doutrinado professor argumentar sobre Machado de Assis e Clarice Lispector. Comentava sobre suas obras, um pouco da vida, usando, claro, um de seus cinco períodos de português na semana, o que julgava ser o bastante, sem muita didática, mas com motivação subjetiva sobrando. Não entendia nada, menos ainda quando lia as obras recomendadas. Até achei que só se cobravam estes dois autores no vestibular, e, se assim fosse, com certeza eu não estava preparado mesmo. Sobravam-me os gibis, os jornais de meu pai e a novelas de minha mãe.

Posso dizer, então, que descobri a literatura tardiamente? Não. Tardia foi a valorização que prestei ao que lia como objeto literário. O pré-vestibular deu-me algo

que nunca tivera até então, proporcionou-me uma experiência da qual nunca possuíra consciência: como eu não sabia nada. Em um ano aconteceu o “milagre da enrolação”, mesmo que fosse o de se descobrir conteúdos e mundos que em treze anos de escola básica nunca me foram possibilidades concretas de aprendizagem e de vivência. Meu gosto por ler tornou-se literatura neste ambiente, nesta condição de interação social em que os mundos à minha volta (as pessoas) estavam todos com as mesmas angústias, sonhos e necessidades, partindo de defasagens e dificuldades comuns. O estereótipo de ser um aluno do noturno, que trabalhava o dia inteiro e ainda queria fazer valer a pena sua presença em sala, foi herdado da escola pelo cursinho. Era de grande evidência o trato afetuoso e paciente, quase em tom de compaixão, com o qual os professores tratavam seus alunos, dignos de afáveis demonstrações de explicações repetitivas como se explicassem a pessoas com sensibilidades neurológicas como fazer exercícios de desenvolvimento motor.

Neste contexto paternalista e penoso, em comparação aos anos de convívio com muitos Deuses (professores acima e únicos detentores da verdade, do conhecimento), posso dizer que tive o primeiro contato efetivo e prático com o ensino de literatura, o início de uma relação que se tornaria idealizada entre ler, aprender e ensinar literatura. Guardados seus objetivos, as aulas de literatura no cursinho eram repletas de histórias, acervos de características, muitas piadas para livrar seu público do cansaço e do sono, mas, num todo, faziam muito mais sentido em relação ao que poderia ser literatura do que a experiência oportunizada pela escola. Um que outro professor estabelecia quase um teatro em sala para aquelas duzentas mentes compreenderem o que deviam com intuito de dar conta de uma prova de literatura no vestibular. Pelo menos, pra mim, era esta uma relação de magia e idealização sobre o ato de ensinar literatura, mesmo sem diálogo, com pura exposição e a verdade do conhecimento ainda nas mãos de uma única pessoa, o professor. É claro que isso foi o motivador para eu desejar abandonar o sonho de ser jornalista e optar por tornar aquele meu gosto inexplicável até o momento pela leitura em desejo de ser educador de literatura e, por algum tempo, fui tal qual meus professores de cursinho.

O ser humano só é o sujeito que se constrói em sua interação no mundo, em sua atuação em sociedade. Inconscientemente, logo que adentrei na universidade pública em 2004, com o claro objetivo já institucionalizado dentro de mim de ser professor, propus-me a dar aulas no Projeto Educacional Alternativa Cidadã, no mesmo ano, com apenas alguns meses de experiência acadêmica, tendo como método algo de que sempre senti

falta, mesmo no cursinho: o contexto mundano. Não se trata apenas de falar sobre os períodos literários, suas características, autores e suas obras, mas do contexto histórico do próprio educando. Isso é algo que também percebo só hoje. Era e é muito importante para mim, como um ser atuante e formador de opinião, tentar construir uma relação de valorização e de reflexão da literatura para o educando, a fim de criar um entendimento àquele sujeito que extrapolasse os limites do vestibular. Isso, na verdade, é do que talvez eu precisasse lá na escola básica para organizar o que eu entendia e entendo do mundo em cada processo da minha formação enquanto educador e também enquanto sujeito.

Não espero que as pessoas amem literatura como eu amo, nem que estabeleçam as mesmas relações que eu estabeleço, mas é certo que desejo criar mais uma possibilidade de contato com o mundo, de reflexão deste e do sujeito inserido nele através da leitura. Eis a minha essencial angústia como sujeito em eterna formação: como eu, educador, posso criar as relações necessárias para outros sujeitos perceberem que suas interações e mundo podem ser e são, de alguma maneira, refletidos em diferentes gêneros literários, linguagens e estruturas? Como posso criar o vínculo entre sujeito-leitura-mundo que mostre tudo isso como algo acessível de suas compreensões, próximos de suas realidades? O que desejo com esta monografia, através da minha experiência de filho, aluno, educando, educador, enfim, de sujeito do mundo, é pensar a profissão de educador em literatura; é discutir sobre o ensino/aprendizagem em literatura e como ela pode restabelecer uma de suas essenciais funções na prática: a de refletir os sujeitos, suas realidades e suas interações.

## **PRESSUPOSTOS TEÓRICOS A SERVIÇO DA DOCÊNCIA**

A arte chamada literatura tem perdido muito do seu espaço de interação e de influência no ensino público brasileiro. Pouco trabalho é dedicado na intenção de se despertar leitores, bem como de construir o hábito deles consumirem literatura, estudá-la, buscarem nela mais uma alternativa de contato com o mundo, de compreensão do mesmo e refletir os comportamentos do próprio homem. Em níveis acadêmicos, a formação do educador, principalmente, do educador em literatura também é raramente discutida, o que representa mais um dos diversos desleixos que essa arte sofre. Todavia, é fato que estas relações, formação-educador e ensino-aprendizagem, ainda mais em literatura, devem ser constantemente trazidas e discutidas à mesa das salas de aulas, nos

corredores da universidade e serem respiradas com intensidade pelos institutos e diretórios acadêmicos. Quando tratamos de literatura, não podemos deixar de pensar em leitura, e ao lidarmos com dois movimentos tão carentes de atenção é que se torna relevante refletirmos acerca de como devemos atuar para restabelecermos a dignidade e o respeito social da literatura.

Para tanto, entendamos o ensino/aprendizagem em literatura partindo do conceito de Compagnon (2009, p.26): *Literatura é um exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo.* Compreender a literatura como uma experiência que revela e estrutura esse contato do homem com o mundo nos leva à área da sociologia de Pierre Bourdieu que aponta o ensino de literatura como uma prática de leitura, de leituras plurais do texto escrito por partirem de leitores com experiências também plurais e distintas. É extremamente importante esse ponto de partida para chegarmos a Maria Helena Martins, Marisa Lajolo e Paulo Freire, que compreendem a existência do leitor anterior a existência da palavra escrita, ampliando as áreas de atuação e desenvolvimento do ensino-aprendizagem em literatura.

É nesse intuito, de discutir a formação docente do licenciando em letras na arte do ensino/aprendizagem em literatura, que este trabalho se projeta. Salientar as preocupações, a sensibilidade e percepção que devemos ter frente às adversidades e diversidades, compreender o tempo e o espaço em que nossa relação de ensino/aprendizagem se estabelece, tentar incansavelmente arquitetar a única relação capaz de obter sucesso na reconquista dos territórios que já pertenceram à literatura, o respeito mútuo, entre todas as pessoas que farão parte desse quorum de ensino, são as bases mais importantes no momento de pensarmos nossa cidadania quanto educadores e seres humanos.

Nesse sentido, este trabalho de conclusão de curso se divide em três capítulos e se estende às considerações finais, visto que não corresponde somente a um fechamento. Nas últimas considerações, propõe-se uma reflexão mais profunda do que pode a literatura realizar ainda nos dias de hoje e como nós, educadores em literatura, devemos trabalhar se ainda quisermos que este nosso bem precioso reconquiste seu espaço de importância e valor nos sistemas de ensino básico, promovendo sua função mais útil e prática de contribuição à formação do cidadão: deslocar nossa leitura particular para uma leitura mais abrangente de mundo que possibilite oportunidades de maior reflexão e compreensão das relações e do comportamento do ser humano.

O primeiro capítulo visa tratar da relação entre a leitura e a literatura como uma das bases fortes para a formação do leitor e do hábito de ler, bem como uma prática que deve ser refletida pelo educador em literatura durante sua formação docente para que melhor saiba lidar com as necessidades e dificuldades do educando, para despertá-lo como leitor e propor seu contato com a literatura. Para isso, os alicerces de discussão são levantados pelo olhar sensível da professora Maria Helena Martins, pois propõe um universo infinito de compreensões sobre o que é leitura, desmitificando que ler não se trata apenas de decifrar palavras, de decodificar signos lingüísticos, mas sim de ler o mundo, de usar todos os sentidos que possuímos para interpretar as relações mundanas, o que nos favorece depois para melhor compreendermos, a nosso modo, a teia maravilhosa de relações e entendimentos do mundo que tecem as palavras. Seguindo esses passos, Marisa Lajolo contribui mostrando os processos que formam nossa leitura particular, nossas experiências de leituras, num mundo de leitura, e como esse mundo íntimo entra em contato com o mundo real, onde utilizamos todo o potencial interpretativo que adquirimos como reflexão desta realidade.

No segundo capítulo, prestam-se esforços em analisar a atual condição da leitura e da literatura nas instituições educacionais de hoje, principalmente, no ensino público e como algumas relações como o imediatismo, o conteudismo e periodização literários e a análise lingüística interferem nas práticas de ensino/aprendizagem em literatura e no processo de cidadania. A professora Ligia Cademartori torna lúcida a preocupação que devemos ter com o leitor de hoje, com o que se identifica ou não, para melhor darmos conta do seu contato com a literatura em geral, principalmente com os clássicos, leitura exigida por todo e qualquer cronograma escolar e/ou concursos vestibulares, o que protege e estatifica um ensino de literatura que valoriza somente o cânone pelas provas, mas que desvaloriza essas mesmas obras pelo leitor não preparado para elas, pois não se identifica. Afrânio Coutinho reforça a crítica que reconhece os equívocos cometidos pelos professores que trabalham a literatura em sala de aula pelo viés da análise lingüística, como se fosse meramente um meio de estudo da língua, o que contribui para a desvalorização da literatura porque não trabalha nenhuma das peculiaridades e dos componentes literários das obras, instaurando no imaginário do aluno a memória de que estudar literatura é estudar gramática. E para aparar as arestas dessa discussão, Antonio Candido é importantíssimo por tratar a literatura como um direito incompressível que auxilia as pessoas em sua organização social e psicológica, que pode dar conta de necessidades profundas, ou seja, estabelecendo-se como um direito humano. E assim o

é, pois a literatura pode cumprir, dependendo de como os educadores atuam, um papel essencial e importante, como práticas de leitura, nos processos de constituição da educação em nosso país.

O terceiro capítulo divide-se em dois momentos. Na primeira parte recupera-se Antonio Candido para se discutir como a literatura pode tornar-se nesse direito humano, um direito cidadão, o que se alinha às palavras de Vygotsky quando a relação que pretende Candido só pode instituir-se se o educando enxergar no objeto literário uma valorização, um sentido para sua vida, que dê conta de algum anseio seu. Umberto Eco realça esse diálogo entre Candido e Vygotsky, entre identificação e valorização com enfoque nas relações de imaginário e realidade causadas pelos personagens, pelas suas trajetórias, pela sua linguagem, que muito podem colaborar para o hábito da leitura e ao consumo de literatura por parte do educando, já que a literatura tem essa capacidade de deslocar o ato da leitura para a vida real, de abranger o universo de realidades, capaz de tornar real um personagem ou uma história por tamanho poder de identificação que eles possuem com as nossas histórias, com as pessoas que somos no cotidiano.

A segunda parte deste capítulo reflete sobre o limite tênue entre o educando universitário e o educador em literatura que constituímos no decorrer do nosso processo inesgotável e interminável de formação docente. É deveras importante sempre nos questionarmos quanto educadores e repensarmos nossas práticas para sabermos o que podemos ou não extrapolar, propor e como lidar com as adversidades que o tempo, o espaço e o ambiente nos trazem. Quando iniciamos esse processo de educador, queremos solucionar muitas questões, satisfazer muitos anseios que são nossos, e no ávido desejo de proporcionarmos aos nossos educandos o conhecimento que adquirimos na universidade, bem como a relação de intimidade e sentimento que dedicamos à literatura, deixamos de construir o que realmente deveria ser o objetivo primordial: educação. Teorias e críticas que nos são apresentadas na faculdade acabam tomando conta das nossas aulas, mas sem ter elas nenhuma concepção de valor por parte do educando, e como toda a linha deste trabalho se baseia na valorização, é preciso que nossas práticas também partam disso, do que pode ser valorizado pelo estudante. Teoria e crítica podem ser apresentadas em sala de aula desde que sejam adaptados sua linguagem e seu método de trabalho, e que parta das incursões interpretativas dos próprios alunos esse esforço de estudos literários para que possam também experimentar o sabor de serem críticos e teóricos. Portanto, o que aprendemos na

universidade não deve ser levado às salas de aula do ensino básico da mesma forma que aprendemos na faculdade.

Antoine Compagnon nos revela com sua cruz crítica esse demônio que incorpora a literatura e ampara as discussões sobre a teoria, como concebê-la de forma responsável e honesta, e trata da questão do valor como um elemento que abaliza julgamentos, gosto e conhecimento para se criar essa teoria. Compagnon percorre os mesmos trilhos de Ítalo Calvino ao imergir na discussão que é mais cara aos amantes e educadores em literatura: as funções que cabem à literatura cumprir, isso se há espaço nas relações contemporâneas para ela concretizar essas funções. Em consonância com essas funções, já que muitas se mantêm intactas e outras se modificaram frente às necessidades do séc. XXI, vê-se a relevância em se trabalhar obras e expressões artísticas que são desconsideradas pelo cânon literário, mas que tanto podem recuperar o status de significância da literatura em nossa sociedade. Em tempos de imediatismo e superficialidade, principalmente, da educação e do ensino/aprendizagem em literatura, é de extrema sensibilidade e inteligência usarmos a nosso favor canções, obras e outras expressões artísticas que realmente sejam populares para construirmos uma via inversa no trato com a literatura, a via que parte do popular ao cânone, do hoje ao ontem, para que possamos proteger a literatura dos preconceitos que sofre por ser institucionalizada nas escolas conforme compreende a academia. Assim, cada vez mais se torna inviável trabalharmos literatura, sem reconhecermos os valores dos estudos culturais como identificação, valorização e aproximação.

É nesse passo que os estudos desta monografia se estendem às considerações finais, crendo que a literatura pode muito ainda realizar. Em meio aos medos de tantos teóricos e críticos que compreendem estar o livro chegando ao seu final, de que a literatura deixará de existir, grandes homens que dedicaram suas vidas à literatura, que prestigiaram essa arte sempre como uma expressão inigualável do ser humano e do mundo, como Tzvetan Todorov, nos deixam animados e contrariam esses pensamentos mínimos e até ingênuos. A literatura não deixará de existir porque ela ainda pode muito, tanto quanto outrora pudera, pois ainda nos serve como um meio de contato com o mundo, de representação e reflexão, e porque não dizer, até de criação de realidades, das realidades que tecem as relações e o comportamento do homem, as epistemologias e sociedades de uma época, do contato do ser humano com o próprio ser humano.

São esses processos que intentamos pensar e repensar no que tange a formação do educador formador e o ensino/aprendizagem em literatura. Ter autocrítica sobre o

educador que somos é refletir também sobre o cidadão que somos, sobre o ser humano que somos, logo não pode ser considerado um ato que fere nosso ego, e sim uma atitude que tão somente fomenta nossa capacidade de sempre nos adaptarmos, de estarmos atentos às surpresas que essa profissão nos traz, que a vida nos apresenta. Enquanto tivermos esse hábito de nos repensarmos, significa que ainda podemos aprender, aprender muito, e estamos aptos a dividir algo tão necessário a todos para que se estabeleça o verdadeiro ato da educação: a sabedoria. A sabedoria só se torna num saber inteligente e com valor quando é desfrutada por outras pessoas e se serve para que mudem suas vidas de alguma forma. Compartilhar, ensinar e aprender deve ser as atuações mais concretas daqueles que almejam ser educadores, educadores com honestidade.

## 1. Literatura: uma prática de leituras de mundos

(...) o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura.

Maria Helena Martins

Ao falarmos de leitura, é difícil não nos depararmos com o senso comum, que associa quase estritamente a livros, revistas, jornais, estudos de textos escritos, de decodificação da palavra escrita, relação clássica e enraizada que se concretiza na escola. E se falarmos em livros especificamente literários, da carta de Caminha, da poesia de Álvares de Azevedo, do romance de Machado de Assis, dos contos de Clarice Lispector, até mesmo das narrativas viscerais de Rubem Fonseca, que fazem parte do cânon brasileiro, estaremos lidando com algo mais perigoso ainda acerca da leitura: exige-se que se leiam estes textos porque assim o vestibular condiciona, ou porque este é do gosto do professor, o que ele conhece e domina, comportamento esse que não é questionado nas instituições de educação básica. A prova é que pouco ou nada se renova nas leituras indicadas em materiais didáticos de ensino em literatura e língua portuguesa, bem como o desleixo com que são tratadas as bibliotecas escolares e o descaso quanto a sua manutenção.

Muitos, então, são os fatores sociais que interferem na prática da leitura, ainda mais no ensino/aprendizagem em literatura, duas disciplinas que não vivem isoladas, muito menos uma da outra e que possuem suas raízes regionais tanto quanto disciplinas como história e a geografia por exemplo. Talvez, no futuro, não haverá mais motivos para reclamações sobre os porquês do professor trabalhar em sala de aula, com tanta ênfase, autores e obras gaúchas, isso por cobrar a leitura completa de *O Tempo e o Vento* de Érico Veríssimo. São até compreensíveis os protestos. Com certeza não se pode negar a realidade do imediatismo do vestibular, nem a sua possível oportunidade de inclusão social, um direito do cidadão que deve ser atendido, já que viabiliza o ingresso à universidade pública. No entanto, essa prática de inserção social pela prova do vestibular ou do ENEM tem contribuído para o sucateamento intenso da educação básica pública, e não afirmamos aqui nada contra a inserção, apenas propomos a intolerância a seus métodos, que tanto interferem no trabalho árduo de se criar, ou melhor, de se despertar leitores, de se procurar e encontrar sentidos nas várias formas

de leituras possíveis que transformem os educandos em pessoas que, pelo menos, gostem de ler. É deveras importante que se tome e/ou mantenha uma atitude profissional de defesa da pluralidade de sentidos dos textos, para que se possam garantir as mais diversas experiências de leituras, formadas pela leitura individual do sujeito ou coletiva, como bem constatou Pierre Bourdieu:

As leituras são sempre plurais, são elas que constroem de maneira diferente o sentido dos textos [...] Pois face ao livro, devemos saber que existem leituras diversas, portanto competências diferentes, instrumentos diferentes para apropriar-se deste objeto, instrumentos desigualmente distribuídos, segundo o texto, segundo a idade, segundo essencialmente a relação com o sistema escolar, a partir do momento em que o sistema escolar existe. (BOURDIEU, 1996, p. 237)

Sim, essa pluralidade deve ser respeitada, instigada e promovida não só porque parte de diferentes sujeitos e suas diferentes formações e experiências, mas também porque se realiza em diversos e distintos ambientes educacionais, que priorizam os seus sistemas de ensino, os seus métodos, as suas convicções. Desde que este sistema não seja corrosivo à pluralidade de sentidos, à libertação dos leitores e de suas interpretações, que preserve a formação do leitor pelo hábito de ler, poderemos ter um interessante sistema de ensino e louváveis práticas de leitura. Não se pode alimentar uma educação que anule a criticidade do sujeito, ou pior, que a pode desde a raiz. A partir desse momento, o sistema escolar existe de fato e se torna resistente aos métodos rigorosos, politicamente opressores e conservadores de muitos processos de formação de leitores que ainda existem nas instituições educacionais de nosso país.

Logo, são três as barreiras que o educador em literatura tem de vencer se quiser trabalhar a leitura: o apelo subjetivo dos profissionais do ensino pelos clássicos, obras que estão distantes da identidade e das experiências mundanas de muitos educandos; o imediatismo do vestibular que rumo ao ensino unificado; e a terceira, trata-se da religião do livro didático, da sua concepção, implantação maciça e forma de uso que tanto barram a pluralidade de sentidos dos textos. Na obra de nome muito sugestivo e sincero, *Do Mundo da Leitura para a Leitura de Mundo*, de Marisa Lajolo, em capítulo especial sobre a discussão das relações e das funções do livro didático, a professora afirma:

Num balanço geral, as críticas superam os aplausos e fundamentam-se nas mais diferentes razões: apontam que muitos livros didáticos contêm erros graves de conteúdo, que reforçam ideologias conservadoras, que subestimam a inteligência de seu leitor/usuário, que alienam professor da sua tarefa docente, que — no caso

dos livros de Comunicação e Expressão — às vezes pirateiam textos, que direcionam a leitura, que barateiam a noção de compreensão e de interpretação, e tantos outros quês e etecéteras que quem é freguês da matéria conhece bem. (LAJOLO, 1993, p. 63)

Até podemos ser mais sensatos e pensar que o problema não é usar o livro didático, mas como usá-lo; além de ser extremamente negativo o aluno ter o livro e o educador não usá-lo, o que se torna mais um exemplo, na concepção dos estudantes, de que ter livros é insignificante, só faz peso na mochila, melhor é comprar um MP3. O educador não pode ser escravo do livro, muito menos fazer de seus educandos neófitos desta religião. É reconhecível que o material didático auxilia os trabalhos na organização e acompanhamento de aulas do professor no início da sua formação docente e mesmo na de profissionais mais experientes e calejados nesta arte. Todavia, este não pode ser um processo estanque, único, institucional em toda sua vida profissional. Como combater, então, esta realidade que cerca a leitura, e, mais ainda, que empareda a educação? Segue Marisa Lajolo com sua proposta em tom de ação afirmativa de como devemos tratar a leitura em sala de aula: *Ninguém nasce sabendo ler: Aprende-se a ler à medida que se vive. A leitura depende da interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros. Ou texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum.* (1993, p. 7; p. 15)

Retomam-se algumas vozes aqui a respeito da pertinência e relevância que as palavras interação, valoração e identificação têm para constituírem os elos dos quais a leitura precisa ter com o leitor e com a escola para tornar-se numa prática, num hábito. Não é o texto escrito em si que deve dar um significado para o mundo do educando, é a leitura deste que precisa dar um sentido, identificar algo que é próximo ao leitor como sujeito histórico e que possa até extrapolar essa identificação, intensificando a valoração que o mesmo atribui ao texto. Cabe ao educador não forçar, não condicionar e/ou esperar interpretações que satisfaçam suas angústias e propostas, como a educação de estímulo-resposta, mas que satisfaçam e causem mais angústias no seu leitor por partir dele a atitude em tornar sua iniciativa particular de leitura em leituras de mundos, as suas leituras de mundos.

Até podemos, pela ansiedade da profissão, pensar em oferecer suportes de análise, mas é muito interessante que sejam após alguma interpretação exposta por parte do aluno, sem aquele tom de explicação, ou de que a verdade do leitor será ou evidenciada, ou afirmada, ou contestada pela verdade do autor ou mesmo do professor.

Deve-se buscar e persistir na aplicação de métodos que prestigiem uma ação de contribuição, como se fosse uma troca de ideias, uma conversa que possibilite contatos intersubjetivos, o compartilhamento de experiências de cada pessoa com sua leitura e sua vida. De incrível sensibilidade, a professora Maria Helena Martins destaca em sua pequena obra, mas de grande impacto e importância, *O que é leitura?*, um princípio que chamo de caráter cidadão na conquista do respeito e da confiança do educando quando intentamos introduzi-lo nas práticas de leituras: *Ninguém ensina ninguém a ler; o aprendizado é, em última instância, solitário, embora se desencadeie e se desenvolva na convivência com o outro, com o mundo* (1983, p. 12).

Exatamente. A leitura, por si só, é uma realização subjetiva, uma percepção e raciocínio sobre as coisas, sobre as pessoas, que se faz na individualidade dos pensamentos e experiências do leitor quando as usa para estabelecer suas relações. O que se planta no coletivo é o choque de subjetividades, de percepções, de pensamentos. Estas trocas intersubjetivas nos forçam a manipular argumentos para mantermos nossas opiniões, e constantemente se transformam em outras visões de mundo, que defendem outras distintas opiniões. Contudo, não precisamos nos desesperar por acharmos que a professora fala de leitura de textos escritos, de tão somente decodificação de palavras escritas. Muito pelo contrário. Mostra-nos um bem imprescindível que precisamos construir com os leitores para que não passemos por cima de alguns processos íntimos da história do contato destes com a leitura e que é reforçado por Lajolo: *Na verdade o leitor pré-existe à descoberta do significado das palavras escritas. A memória só fixa o que é significante.* (1983, p. 17)

É isso que se deve respeitar. O leitor não é apenas decorador de signos lingüísticos. Não existe ninguém sem cultura, que não saiba nada, que não tenha uma história e a sua percepção do mundo, mesmo que simplória ou ingênua. Não se pode tratar àquele que pretendemos que seja leitor como alguém que nada tem a ver com o mundo, ou tratá-lo como se ele não quisesse ter nada a ver com o mundo. Ele possui muitas leituras, quem sabe desorganizadas, ou aprisionadas em sua vergonha e timidez, medo em se expor perante o grupo, ou em seu receio de ler e gaguejar, ou não conseguir ter a dicção perfeita na hora de ler uma palavra desconhecida, de encontros silábicos épicos e trágicos como “dislexia” ou “solipso”, ou uma digna do vocabulário machadiano, “nevrálgico”. As suas leituras de mundo antecedem o nascimento. Começam já nas vibrações do corpo da mãe, no libertar-se de seu útero, na amamentação, no sentir frio, provar sabores, testar os cheiros, que dirá, então, nas

vivências mundanas, as experiências que darão ao sujeito sua capacidade de adaptação, que construirão seu caráter, formarão sua personalidade, que irão interferir nas suas escolhas e opiniões. É neste processo fiel de leituras de mundos que as autoras afirmam ser fixado pela memória somente aquilo que possui sentido à vida das pessoas, pois faz parte de suas experiências. Paulo Freire ampara muito bem essa concepção de leitura e percepção de mundo:

[...] A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2009, p.11)

Admitindo esta forma de compreender leitura e literatura, como leituras de mundos, leituras não só de signos lingüísticos, o educador tem de prestar atenção ao que acontece no cotidiano dos educandos, nas possibilidades de mostrar a eles que estão realizando contato com tipos diferentes de leituras, e até mesmo de literatura, mesmo que não compreendam ser literatura o que consomem. Os mangás (revistas de quadrinhos japonesas), as canções que tanto acompanham seus dias, as roupas que usam, os logos e slogans que defendem em seus cadernos, em tatuagens, em desenhos e em expressões artísticas populares como o grafite. Tudo isso são formas de associação à literatura e à leitura. Muitos escutam as canções, mas não as lêem; defendem mitos, personalidades, frases conhecidas, mas não sabem de onde surgiram, e, se sabem, desconhecem de quem são, e se conhecem, pouco possuem consciência da importância dentro do seu contexto, do que participou, o que está por trás da sua formação. Eis o momento de prestigiar o que lhes é mais íntimo numa intersecção com a literatura, realizando um trabalho intenso de leitura. Neste processo, os sentidos são apurados, a capacidade de absorver e movimentar conhecimento é valorizada, pois não se trata apenas do professor assumir uma posição clássica de detentor do conhecimento e de guardião do templo onde este conhecimento pode ser adquirido, trata-se de construção e interação de conhecimentos.

Um dia percebi, em meio a uma aula, que falava de coisas, e esta é a palavra certa, coisas, que mais pareciam grego ou latim para meus alunos. Mesmo que em tom amoroso, com os olhos brilhando, extremamente eufórico, comportamento que eles percebiam e valorizavam em mim, uma atitude que mantinha a classe toda atenta, eu sabia que algo estava fora do lugar. Talvez não houvesse diálogo nem com seus

pensamentos, num silêncio que se tornou ensurdecedor para mim. Percebi ali todas as críticas que fazia aos meus professores de escola, senti-as em mim. E ainda cometi mais um erro muito caro ao ego de qualquer profissional: confirmei minha atitude arrogante e egoísta, perguntando se eles entendiam tudo do que eu estava falando. O problema não era se eles entendiam ou não, mas, sim, eu. Eu estava ministrando uma aula só pra mim naquele momento, e quem sabe por quantos outros momentos. Aprendi a dar valor ao que um grande mestre falou em uma das cadeiras de literatura brasileira na faculdade: *“Não podemos pensar que temos condições de levar a nossas aulas da escola tudo que aprendemos na universidade. É preciso um grande esforço de adaptação da linguagem, do comportamento, da própria teoria e crítica com as quais tivemos contato.”* Ele tinha razão. A escola não é a universidade, e muito do que aprendemos deve ser consciente na hora em que preparamos a aula, pois é nossa base para pensarmos o que desejamos desenvolver, é um apoio. Para se levar tudo isso à sala de aula, é preciso adaptação, não por eles não terem capacidade de compreensão, mas porque todas estas teorias, críticas e interpretações foram concebidas pela subjetividade lingüística e intelectual acadêmicas, de teóricos para teóricos, de críticos para críticos acadêmicos. Adaptação é essencial.

Como retomar as aulas e, principalmente, aquela aula? Sempre fui contra as renovações e inovações radicais de uma hora para outra, mas naquele momento eram necessárias. Saquei da mochila meu MP3, pedi o rádio da escola emprestado, acessei a internet e imprimi as letras de umas canções e uns trechos de algumas obras. A aula mudou de interpretações de poesias simbolistas e parnasianas para a compreensão de estilos e um pouco sobre estéticas. Não caí na ingenuidade de trabalhar formas, sílabas poéticas, nomes de rimas, etc. Contudo, se há algo que todos possuem, é estilo próprio. Um grupo, uma comunidade, uma região, tudo é expressão de estilos. Entre “rappers” (cantores do gênero musical rap), “emos” (membros de um novo gênero musical baseado puramente nas emoções), pagodeiros e roqueiros, crônicas e romances, mangás e gibis, entre o samba de Chico Buarque e o Samba de Cartola, há um universo infinito de estilos, e todos estavam ali, ao meu alcance, ostentados em camisetas, bonés, adereços e canções. Havia ali, então, muitas estéticas também. Não foi difícil propor que eles encontrassem um sentido, um significado para a palavra estética quando trabalhamos as características que eles mesmos levantaram de seus comportamentos imprescindíveis em seus grupos a partir da arte que consomem, nem de se reconhecer o estilo que representa seus gostos, já que estilo e normas dependem de gosto como

afirma Lúgia Cademartori: *Não se pode pensar em estilo e normas sem pensar em gosto, e tampouco se pode pensar em gosto sem pensar na época que vai determiná-lo. O gosto, porém, não é o mesmo e o único em uma mesma época.* (1986, p. 6)

E eles estavam mapeando as suas estéticas, os seus estilos, reconhecendo-os em outras épocas, como eram, de que maneira mudaram, como foram adaptados, como cederam espaço a outros gostos, a outros estilos, a outras estéticas. Eis uma essencial sensibilidade que devemos ter para trabalhar em sala um conceito muito importante sobre escolas literárias: que uma escola não necessariamente nega a outra, mas sim adapta, ou, na maior das forças estéticas, propõe outra concepção de produção artística, com suas novas convenções, com seus novos autores e estilos, compondo, assim, novos olhares de reflexão sobre a sociedade e/ou sobre a época. Aliás, o que faz de diferente os períodos entre si, na sua essência, é revelar o tipo de homem de uma determinada época, como bem afirmou Otto Maria Carpeaux (Revista Cruzeiro, 1954/1966).

Portanto, usar o verbo “negar” pode criar um conceito natural e equivocado nos estudos de literatura, por parte do estudante, de que nenhum movimento pretendeu retomar do anterior alguma característica interessante, de que tenha execrado tudo que o antecessor produzira, o que é uma inverdade. Propõe-se uma renovação ou inovação a partir do movimento artístico anterior, no caso literário, e sempre se aproveita alguma peculiaridade, seja da estética, seja do estilo. Se assim não fosse, Machado nem teria usado do gênero romance por ter sido usado no romantismo, muito menos ousaria ter produzido obras com alguma estética romântica, como *Helena* e *Iaiá Garcia*. E só retomamos Machado de Assis aqui porque melhor se entende a discussão quando partimos do cânone, já que é muito mais próximo por ser mais trabalhado pelas instituições acadêmicas e escolares.

As linguagens das canções, expressas nos textos impressos, possibilitou leituras que muitos nem tinham consciência porque nunca de fato leram essas palavras, apenas leram o que ouviam. Por isso, foi importante primeiro ouvir as canções e debater sobre as mensagens possíveis, e só depois lê-las. Isso mostrou como fazemos leituras diferentes por usarmos sentidos diferentes para realizá-las, são experiências distintas que movimentamos para criarmos as relações de interpretação. A partir daí, mostrar que todas estas canções e expressões artísticas dos séculos XX e XXI já foram formas de se refletir a sociedade em outros tempos, que advinham de estéticas literárias de outras épocas e sociedades, foi algo natural. Mesmo que eu contasse com a falta de leituras deles dos textos clássicos, do arsenal do cânon literário brasileiro ou ocidental, ainda

assim eles tinham um espectro de reconhecimento de alguns nomes e obras principais. Não é o ideal, mas ajuda a estabelecermos relações de curiosidade.

Nesta hora é que o educador deve mostrar sua capacidade de ser contador de histórias. Aliás, todo educador é um contador de histórias, é um ator no palco da educação, no espetáculo da vida. Uma canção hiper emotiva do grupo Emo NX Zero, “Cartas pra você”, tem ligação estreita com o romantismo brasileiro por toda sua emotividade e idealização do amor, do sentimento; um samba do Cartola, “O mundo é um moinho”, e um pagode do grupo Turma do Pagode, “Pensando em você”, são canções que interagem diretamente com a poesia de Álvares de Azevedo, da segunda geração romântica, pela depressão causada pelo abandono e amor platônico, o que nos proporciona trabalhar a concepção de Platão, e a partir daí pode-se trazer um pouco do *Dama das Camélias*, de Dumas Filho, falar sobre *Lucíola*, de José de Alencar, introduzir reflexões sobre a moral burguesa da época e sobre o que tem de familiar com a nossa sociedade; o rap “*Mun-Rá*” do falecido cantor Sabotage, e o roque da banda Titãs na canção “*Eu não aguento*” podem aproximar-se do romance de Jorge Amado, *Capitães de Areia*, e de *Os Miseráveis* de Victor Hugo pela denúncia do universo da orfandade, e, numa linha ainda mais tênue, aproximarem-se da linguagem e da realidade denunciada por Rubem Fonseca sobre o mundo dos marginalizados, dos excluídos, da sua ética e moral próprias. Esta é a prática que pode intensificar ainda mais os valores ou esclarecer algumas ideias sobre o que os educandos consomem, em que se incluem, como as personalidades estampadas em suas camisetas: Malcolm-X, Marthin Luther King, Jimmi Hendrix, Don Ramón (o seu madrugada da série Chaves), Rita Lee, o Presidente Lula, bem como os slogans “Fora Yeda”, “Não às Guerras”, “Respeite a vida. Seja Vegetariano.”, “Proteja o Planeta”.

Ressalta-se a importância em se trabalhar constantemente as figuras de linguagem na medida em que se discutem interpretações e características como partes essenciais de uma estética, principalmente com exemplos práticos, cotidianos, trabalhando sempre as possibilidades culta e coloquial de se expressar a mesma mensagem. Juntemos isso ao hábito de contar histórias, representar emoções, cenas, ativar e propor curiosidade, desafiar as analogias e teremos um verdadeiro campo de batalhas, no bom sentido, pois se vence dificuldades neste campo, onde se institucionalizará uma bela e nova nação de leitores, de ensino/aprendizagem em literatura. Desta forma, podemos chegar aos clássicos, mesmo que não seja a ideal defendida pela academia. Foi assim, neste ritmo e com essa atitude, que em outras aulas pude realizar

os encontros dos educandos sem violentá-los com a linguagem, porque já estavam cientes de muito das suas perspicácias e armadilhas, com Chico Buarque, Caetano Veloso, Machado de Assis, Graciliano Ramos e com uma grande leva de etecéteras do nosso cânon.

E foi o que aconteceu. Os educandos passaram a perguntar mais sobre determinado autor, ou obra, sobre contextos, teorias, o que as ciências das épocas defendiam, as epistemologias que tanto provocaram determinados autores a escreverem como escreveram, a refletir a sociedade como refletiram. Todos os dias, um ou outro aluno me aparecia com um livro na mão indicado na aula passada, cheio de dúvidas, afirmações, medos e interpretações. Hoje já consigo preparar aulas só sobre a história dos festivais, todos seus contextos, associá-las às leituras, artistas, obras. E por que isso foi possível? Porque algo muito importante foi construído: a compreensão dos porquês de certos movimentos, artistas, autores e obras serem importantes dentro da literatura, mesmo que não façam parte do gosto dos educandos, como *Os Lusíadas*, de Camões. Agora há este respeito em minhas aulas porque respeitei e valorizei os gostos deles, preocupei-me em estudar o que fazia parte do universo deles. Conto com o apoio e o esforço dos meus educandos em diferentes ambientes e instituições de ensino. Claro, nem tudo são flores. O mar é distante dos horizontes que desejamos alcançar, mas todo mar tem suas ondas, tem suas praias e suas beiras para sentarmos e descansarmos, onde podemos enxergar o horizonte, desejá-lo, imaginá-lo, valorizá-lo dos mais possíveis ângulos, sem que um só destes ângulos perca de vista suas belezas.

Não deixarei que meus estímulos e atitudes desabem numa mera interpretação de ingenuidade e necessidade. Minhas aulas realmente mudaram porque eu mudei. Confesso que muito do que pretendia não foi alcançado em detrimento de outros objetivos que se fincaram, de outros rumos que só as experiências, como educador e educando, já que nunca temos nosso processo de aprendizagem cerrado ou fechado, podem nos fornecer. Improvisação, intuição e percepção são dons que o educador deve respeitar e trabalhar se os tem, ou construí-los se for o caso, pois contribuem efetivamente à prática, às aulas que pensamos e às possibilidades que imaginamos, até porque há o processo de se conhecer muito sobre os alunos, sobre a turma com o tempo. Essa tarefa árdua de ser educador em literatura através da leitura é indispensável ao cidadão para que se garanta um dos seus direitos mais institucionais, a Educação.

## 2. As instituições educacionais: da periodização e conteudismo literários à análise linguística

“O diabo na rua, no meio do redemoinho...”

João Guimarães Rosa

Eis as palavras de Guimarães Rosa porque é imbuído desse sentimento que todo educador em literatura, preocupado com a prática da leitura e com a liberdade de seu objeto de amor, deveria sentir-se. O que se ensina de literatura nas escolas e cursinhos preparatórios, hoje, é muito determinado pelo crivo do vestibular, o que já denunciávamos anteriormente. As práticas conteudistas, que obrigam aos professores a vencerem os conteúdos de qualquer maneira, num determinado espaço de tempo, são o que mais deveriam incomodar estes profissionais. Cobrar dos alunos esta consciência é totalmente injusto. Por terem nascido em meio a este sistema fortemente solidificado de ensino de literatura, não compreendem e raramente aceitam outra forma de estudo, e só se valorizam as aulas condicionadas pelo trabalho do que é cobrado no vestibular. Alimenta-se um conhecimento — e assim o chamo por não considerar isso educação de verdade, apenas conhecimento, e raso — estanque, limitado, opressor porque oprime o autor, sua obra, seus contextos, o professor e o aluno. Vivemos uma escravidão da chibata de características, de definições, de interpretações em uma prova que determina o que é certo ou errado, mutilando muito do interesse, do questionamento, da curiosidade, da capacidade do sujeito de gostar, de entender por si e de estudar literatura.

Não digo que devemos ser plenamente contrários à periodização, nem que não devemos preocupar-nos em vencer conteúdos, pois eles conseguem realizar algo muito prático para o educador na hora de preparar suas aulas, de pensar seus métodos: organizam. O problema é o tratamento cômodo e ditador com o qual o professor se comporta frente a esta realidade. Torna a periodização numa instituição, como se só pudéssemos ensinar e aprender literatura através dela; torna as características de um movimento como as únicas de uma época, concebendo apenas a existência de uma estética; algema autores e obras a um único contexto, como se não tivessem produzido mais nada e com estilo ou estética diferentes — o nosso pré-modernismo brasileiro que nos diga como se sente. Camões fica exilado nos *Os Lusíadas*, à deriva nos oceanos das

grandes navegações, sem nada sabermos de seus sonetos amorosos, senhoris, galantes; Machado de Assis perde sua alforria no mundo do realismo, do romance e do conto, sem nunca lermos as páginas que sua pena já percorreu, delineando poemas simbolistas, ou os seus próprios e inovadores romances românticos. E isto que tratamos aqui apenas dos clássicos, já que não discutimos ainda o que a academia determina ser ou não contemporâneo e popular. Os professores se congregam como guardiões da periodização, do enciclopedismo, sob o limiar do imediatismo quando se limitam ao conhecimento do vestibular.

O atual sistema de educação, portanto, faz com que o ensino/aprendizagem em literatura e os trabalhos de leitura fiquem limitados e condicionados pelo consumo dos clássicos e pela definição fechada do que significam estas obras, do que representam estes autores, do que se pode ou não interpretar deles. Helena Parente Cunha explica: *Um dos aspectos típicos dos estudos literários é justamente não apresentarem definições acabadas e de exatidão matemática. [...] os grandes nomes ultrapassam as particularidades determinantes das suas respectivas faixas de tempo.* (2001, p. 79)

A autora ainda traz a voz de René Wellek, crítico e teórico de literatura, sobre o que pensa da periodização e do período literário: *[...] período estilístico é um segmento temporal dominado por um sistema de normas, padrões e convenções literárias, cuja introdução, expansão, integração e desaparecimento podem ser traçados.* (2001, p. 79)

O período estilístico possui seu tempo, suas regras, seus padrões bem definidos, não o autor ou toda sua bibliografia. Estes vivem muitos contextos, sob muitas estéticas e manipulam isso durante sua trajetória de processo de criação, pois vivem intensamente estas diversas experiências e momentos. Claro que há de se eternizarem por desenvolver com maior qualidade parte de suas obras sob uma estética, não por outra. Nelson Rodrigues foi escritor de grandes crônicas, principalmente sobre futebol ou sobre situações das mais prosaicas da sociedade, com análises antropológicas, personagens populares, linguagem bem estruturada e tecida pela simplicidade sem perder a elegância. Contudo, seus louros e glórias foram carregados pelo tálburi dos costumes e pela psicologia de seu Drama, outro gênero literário, que se alinha com outras concepções de estética, que intenta dar conta de outro processo produtivo. O autor é reconhecido pelos dois gêneros, mas o Drama, de longe, compõe seus melhores trabalhos como escritor segundo a crítica acadêmica, e na hora de se trabalhá-lo em sala de aula, são as peças que ganham lugar no quadro negro, nas fotocópias, nos livros didáticos, por conseguinte, na voz da maioria dos professores.

São estes alguns dos crimes que cometemos como educadores e como acadêmicos detentores de uma cultura letrada e de raro acesso, discriminadora pelo próprio tratamento que dedicamos à literatura nas práticas de ensino/aprendizagem. Não estamos apenas afastando leitores dos livros, alunos das salas, a literatura da escola, estamos também afastando autores e obras de si próprios, como se houvesse dois machados, um tem valor, e outro não, ou dois nelsons, um é arte e outro é literatura, separando, por fim, literatura da arte, como se não fosse o teatro um gênero literário, e literatura uma das formas de se manifestar a arte, uma das mais antigas por sinal. Não raro presenciamos este posicionamento no senso comum. Mas se assim o “santo vestibular” deseja que os sistemas escolares atuem sobre a literatura, paciência é que não devemos ter, pois, reafirmamos, desejamos despertar leitores, e este tipo de ensino de literatura apenas os mantêm adormecidos.

Quanto a isto, precisamos estar atentos ao fato de que o leitor de hoje se enxerga olhando para trás quando lê os autores do passado. Não possui muita ciência do quanto autores e obras podem ser universais, guardadas as proporções, em tempo e espaço (como as disputas de famílias e traições das peças de Shakespeare, embebidas em amores, ciúmes e desejo de poder); ou mesmo do quanto as literaturas territoriais servem de identificação de um povo, de uma nação, mesmo que tenham sido produzidas em um contexto distante ou em um espaço que não existe mais, (como os *Contos Gauchescos* de Simões Lopes Neto, que envergam a figura do gaúcho das fronteiras do rio Grande do Sul, dos costumes e do folclore do gaúcho desta região, e mesmo o próprio *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, que marca a formação da sociedade sul-rio-grandense).

Lígia Cademartori denuncia este leitor desavisado ou desentificado quando explica um excerto de uma obra de José de Alencar:

O jovem leitor de hoje, no entanto, não se identifica do mesmo modo que os contemporâneos do romancista com a nomeação e, seguramente, não lhe é familiar essa imagem que o narrador evoca. Mudaram os trajes, os penteados e a forma de se fazer uma descrição. A personagem e o narrador pertencem a um outro momento histórico, marcado por outras características, sujeitas a normas de seleção e de composição próprias da época. (CADEMARTORI, 1986, p. 5)

É a isso que se deixa de respeitar quando professores, escolas e vestibulares obrigam os alunos a estudar em um curto espaço de tempo, movidos pelos gostos históricos da academia (uma classe de leitores diferenciada), obras e autores

específicos, internados em suas escolas literárias e vigiados pelos mandamentos de uma única estética porque cumpriram com primor suas convenções. O leitor, que se sente fora desse contexto, não encontra valor, nem motivações para crer que essas literaturas possam fazer parte das experiências de sua vida ou para sua reflexão. Nesse ambiente, ele fica à mercê da propaganda maciça, utópica e subjetiva de que ler é um exercício, faz bem à saúde, é importante à educação, como a mídia constantemente faz e os profissionais da escola reproduzem, quando reproduzem. Tudo fica restrito à insignificância do discurso. Essa relação de valorização, identificação e de hábito da leitura deve ser construída, observando e atendendo o movimento histórico dos sujeitos leitores, no qual a sua realidade vai ao encontro dos clássicos, não o contrário.

Em certa instância, ainda reproduzo um pouco desta mutilação da leitura e da literatura, pois continuo lecionando em cursos preparatórios para o vestibular. Eis a diferença entre as instituições de ensino privadas e públicas para as ações de projetos populares, ONGs e iniciativas comunitárias: o poder fazer ou não educação que consideramos verdadeira, como prática de liberdade, como despertar da cidadania. Esta é a dicotomia que vive o educador preocupado tanto em sobreviver como em atuar. As instituições privadas já estão vivendo plenamente os processos do vestibular, e as públicas imergiram no ENEM sem ter iniciativas para construir aulas inter e multidisciplinares, muito em função da falta de vontade por parte de seu corpo docente. É-me muito sofrido o choque entre estes dois processos. Trabalhar em escolas, cursinhos e projetos sociais são experiências bem diferentes umas das outras, além de que há uma distância muito grande entre os níveis da educação básica e de preparação para a vida e para o vestibular, entre as necessidades dos educandos e das comunidades. Constantemente é doloroso este contraste em ser um professor pela manhã no ensino médio da escola particular e pela tarde no cursinho privado, e tentar ser educador à noite no projeto social de educação para a cidadania, o Projeto Educacional Alternativa Cidadã, um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E essa angústia era ainda mais intensa quando tive oportunidades de trabalhar nos ensinos fundamental e médio públicos.

Ao inserirmo-nos no universo dos sistemas educacionais de ensino básico e, principalmente, no médio, “damo-nos com a cara em outras portas”, dificuldades históricas que custeiam muito da aversão que existe, por parte dos educandos, pelo ensino de literatura: a formação de grande parte do contingente de educadores que trabalham com literatura em sala de aula é linguística. Por certo não se deve dissociar

literatura da língua, nem vice-versa, mas apostar em métodos que analisem obras literárias apenas pela sua estrutura linguística, por sua sintaxe, é de todo equivocado, ingênuo e irresponsável. Os textos literários ou as outras expressões artísticas que dialogam com a literatura não merecem sofrer tamanha opressão. Esses textos podem e devem auxiliar nos estudos de compreensão da língua, porém custam caro à formação do hábito de ler, sobretudo de ler obras literárias. Perde-se o essencial da leitura e dos estudos de literatura: a capacidade de chocar o mundo do texto com o mundo ao redor, de o leitor realizar suas analogias, identificar-se com personagens, vestir suas máscaras e experimentar suas realidades ou suas verdades, pois é extremamente inviável, pelo menos bem complicado, alguém conseguir identificar-se como um objeto direto, ou uma inversão sintática, quiçá como um adjunto, um termo acessório, que pode ser subtraído da frase, como comandam muitas gramáticas.

Reiteremos essa afirmação pelas palavras do sábio e um dos mais importantes críticos e teóricos da nossa literatura brasileira e comparada, Afrânio Coutinho:

A língua é apenas o instrumento, e deve ser subsidiário, em função da leitura e interpretação do texto. Em primeiro lugar, deve servir para ensinar a leitura: leitura expressiva, leitura interpretativa, leitura dialogada. Pondo, desde o início, o aluno em contato direto com o texto literário, fazê-lo adquirir a familiaridade com a língua e a coisa literária, levando-o a adquirir o gosto da literatura, a justa compreensão de seu valor e significado. (COUTINHO, 2008, p. 29)

O real catalisador das dificuldades desta relação língua e literatura é o educador. Não se sabe ao certo os porquês, mas aderem ao ensino público básico mais professores de formação linguística que de literária. Esses poucos não desempenham o papel de educadores em literatura porque isso não faz parte do seu processo, do seu gosto, da sua subjetividade. Além disso, é cobrado em todo e qualquer concurso, prova ou vocação profissional de reconhecimento público, o conhecimento e o bom manuseio da língua, não da literatura. Por isso, observamos em muitas escolas os estudos literários submergidos em cópias de livros das bibliotecas sobre alguma escola literária ou autor como entrega de um trabalho, sem muito ser dito em aula; ou ainda dispor de apenas um período semanal de quarenta minutos à literatura, isso quando há interesse do professor em realizar esse trabalho. Fui vítima disso quando adolescente. Não tive nada a respeito de literatura, e às vezes o professor comentava sobre alguns autores, mais para não dar aula do que para incentivar um gosto ou paixão pela literatura. Hoje, percebo que eu era mais um adjunto perdido em meio àquele sistema todo de ensino,

jogado para qualquer lugar sem perder o sentido da coisa porque não havia sentido naquela coisa.

Coutinho mais uma vez contribui para as discussões sobre quem deve exercer este papel de educador em literatura e como deve cumpri-lo:

Em última palavra, o ensino de literatura deve emancipar-se da história e da filologia, campos verdadeiramente distintos, exigindo professores diferentes, de mentalidades e terminologias especiais, já que os objetivos colimados são diversos. (COUTINHO, 2008, p. 26)

Não precisamos de todo decapitar os processos históricos desta relação, já que muito podem e contribuem aos estudos literários e até se tornam, em invariáveis situações, os grandes coadjuvantes na formação de gosto pela leitura e pela literatura de muitos estudantes. É inegável que compreender as epistemologias, a política, a sociedade e os acontecimentos de toda uma época favorece a intimidade com a literatura, a mantê-la e aguçá-la. Seria sem valor algum tornar a aula de literatura numa aula de história, ou de filosofia, ou de política, isso sim seria chato e colocaria em segundo plano, como faz o educador de viés linguístico, a literatura e a leitura.

Atuar em espaços de projetos sociais e instituições públicas é muito caro pra mim, pois nasci, cresci, fui educado e vivenciei grandes experiências ali. Não usarei daqueles discursos que semeiam nos olhos das pessoas lágrimas de dó, compaixão ou de caridade, julgo isso uma atitude desonesta que desperta sentimentos e gestos mais desonestos ainda sobre a minha trajetória de vida. Isso porque a burguesia só compreende o sentimento de pena, não de solidariedade e de esperança. Mas, de fato, essa realidade é muito íntima para o que sei da vida, e nos rostos de meus alunos sempre vi um pouco de mim, das minhas necessidades, das minhas dificuldades. Deve ser por isso que hoje posso olhar as fotos de cada um deles, de forma aleatória, e falar seus nomes e sobre a vida de cada um com sinceridade, intimidade e conhecimento, porque participo da vida deles e eles da minha.

Quando nos propomos a realizar iniciativas e práticas que realmente absorvem tudo que é possível da vida dos educandos, que lhes possibilitam atribuir valor à construção dos conhecimentos e perceber que há praticidade disso em suas vidas, uma relação de proximidade é estabelecida. Não se trata da perda de respeito, muito menos do desprestígio do profissional, das aulas ou de ficarmos apenas falando da vida como se estivéssemos num divã com os educandos. Não mesmo. Trata-se de tornar a

literatura uma prática deveras de leitura e cidadania. Esta troca não é um mero plano político de aderir leitores a nossa causa da leitura, nem de absorvermos amantes para a literatura. É questão de tratar gente como gente, seres humanos como seres humanos, cidadãos como cidadãos, que possam ter opinião, construir crítica e fazer suas escolhas.

Muito na vida das pessoas já lhes é negado, usurpado ou ainda omitido quanto às necessidades básicas, como a Educação. Essa irresponsabilidade na lida com a literatura, seja pelo ensino linguístico, seja pelo ensino histórico apenas, regam esta árvore cujos frutos são negativos. Antônio Candido defende a ideia do direito à literatura como parte dos direitos humanos, algo que se pretenda prático, valorizado, incompressível, sobretudo à educação, como mais uma forma de se refletir e repensar o mundo e o ser humano:

[...] Quem acredita em direitos humanos procura transformar a possibilidade em realidade.[...] arte e literatura... só poderão ser consideradas bens incompressíveis segundo uma organização justa da sociedade se corresponderem a necessidades profundas do ser humano, a necessidades que não podem deixar de ser satisfeitas sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora. (1995, p. 237)

[...] Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e em conseqüência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. (CANDIDO, 1995, p. 245)

Ratifica-se: é muito difícil implementar um trabalho de leitura numa sociedade que vive o vestibular, como se não houvesse mais nada de importante e de efetivo na construção da vida das pessoas depois dessa prova, um sentido de vida completamente avesso às palavras de Candido, ou ainda que vive um sistema educacional que dissocia completamente o ensino de língua do ensino da literatura, tornando a literatura em ensino de língua, em constatações de inversões sintáticas em vez de análise de estéticas, ou o discurso do narrador. Direção, pais, amigos, todos estão à flor-da-pele quando seus filhos, alunos ou parentes chegam ao último ano do ensino médio. Pressões e cobranças extrapolam as paredes de casa e atingem a escola, denunciando-a como única responsável pela educação do estudante, portanto responsável por colocá-lo numa universidade, ou no mercado de trabalho. Tendo essas relações organizando a sociedade, a literatura ficará distante da escola, a leitura exercerá seu papel em outras bandas, e o educador será um reles professor, aquele guardião do templo que traz

consigo as chaves do baú do conhecimento, riqueza que só se intenta conquistar mediante a resolução de um enigma, um enigma clássico.

Não se pode negar que essa é apenas uma das possíveis leituras de mundo, uma leitura crítica, atuante nos processos de educação em nosso país, seja por parte daqueles que apenas contribuem para a manutenção da realidade, seja por parte daqueles que trabalham, suam, deixam para trás ou esquecem coisas e pessoas importantes das suas vidas, que sonham e lutam em detrimento de uma nova realidade para a Educação. Estes nunca irão dormir pensando em sacrifícios ou caridade, mas sim em esperança.

### 3. Ensino/aprendizagem em literatura: uma prática de valoração

#### 3.1 Literatura: uma arte que ampara a vida

A literatura é uma prática social tanto para quem a escreve quanto para quem a lê. Prática social no sentido de atividade humana em intenção transformadora do mundo, que expressa o peculiar da relação do homem com o mundo, os modos de ser do homem com o mundo, os modos de ser do homem no mundo.

Letícia Malard

Quando pensamos em ensino/aprendizagem em literatura como ferramentas imprescindíveis às engrenagens da educação, já que se constroem sob diversas perspectivas de leitura, pelo menos assim deveria ser, logo devemos pensar em direitos humanos, necessidades que precisamos satisfazer para dar conta de alguns processos de nossas vidas que constituem a gama de nossos direitos sociais. É uma questão de respeito, de valor, de cidadania, de ação social motivadora, questionadora, reflexiva, crítica. E falamos de literatura em específico por ser o objeto deste estudo, não por desprestigiar ou por ignorar a importância das outras áreas de conhecimento. A vida é o grande palco da educação, com todos seus atores, textos, sentidos e sentimentos, usa gravata e tece lindas palavras a serem lidas, eternizadas ou esquecidas; veste chinelo de dedo, encanta histórias faladas, sentidas com o corpo, que talvez só pertençam mesmo às avós, aos netos, à gente mais simples, e por essa gente se mistifiquem e se estabeleçam como literatura.

Mas como pensar que as palavras de Antônio Candido (1995) no ensaio *Direito à Literatura* podem ultrapassar um desejo próprio, subjetivo nosso, como educadores, e ser coletivizado, valorizado por outras pessoas? Não podemos ser ingênuos a ponto de acreditar, pelo menos a nossa maneira, que o educando necessita da literatura para sua vida da mesma forma e valor que nós, educadores em literatura. Ela é uma oportunidade de reconhecermos o mundo no qual vivemos e outros mundos, de elegermos alguns personagens como modelos de vida e de percebermos que estes personagens podem ser tão verdadeiros quanto as próprias pessoas do nosso cotidiano vivo, de carne e osso, além de ser uma forma de constituirmos uma consciência do que somos. Refere-se o autor que: [...] *pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo*

*que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo.*  
(1995, p. 239)

É compreensível o anseio de Candido porque também o é de muitos outros tantos profissionais da área. É uma conturbada relação do homem com seus sentimentos, ainda mais quando este considera a sua profissão (com suas angústias, suas prioridades, suas técnicas e seu valor atribuído subjetivamente) uma prática necessária na vida das pessoas. Bem, só poderá ser assim se as angústias, as prioridades, as técnicas e as experiências reais do educando também tiverem valor nesta prática. Não podemos crer que as nossas necessidades também são as necessidades de outras pessoas, que a literatura simplesmente dará algo que elas não conseguiriam construir sozinhas e/ou por outros meios, como consciência e criticidade. Podemos, contudo, pensar em como conciliar isso tudo, em como estabelecer uma troca de valores entre educador-educando, respeitando o que um e outro podem trazer de suas experiências de vida para o ensino/aprendizagem de ambos.

Muito do que se pensa por ensino de literatura já começa equivocado por aí, por se pensar só em ensino, não em ensino/aprendizagem, por o professor se estabelecer como responsável e detentor do conhecimento, dos métodos, do valor de obras, autores, características e interpretações, — mesmo que estas já estejam enraizadas pela tradição do discurso e comportamento acadêmicos, e que ele só reproduza o ensino que teve — descrente de encontrar em seus alunos iluminação e práticas sociais capazes de os constituírem como sujeitos históricos, portanto capazes de estabelecerem as suas relações com o objeto literatura. Da forma como é concebida, a literatura torna-se uma doutrina, mais um método de massificação do que se pode conhecer, prática sem valorização que atende somente às necessidades da sociedade imediatista, elitista e conservadora, que pelo próprio ensino distancia as pessoas do contato com a leitura, com a literatura. Continua Antônio Candido:

(...) a arte e a literatura... elas só poderão ser consideradas bens incompressíveis segundo uma organização justa da sociedade se corresponderem a necessidades profundas do ser humano, a necessidades que não podem deixar de ser satisfeitas sob pena de desorganização social, ou pelo menos de frustração mutiladora.  
(CANDIDO, 1995, p. 241)

Lembro-me bem de quando comecei a minha jornada de educador no Projeto Educacional Alternativa Cidadã, em junho de 2004. Reproduzi muito dessas atitudes que hoje execro, mas cuja importância não nego. Preparava minhas aulas sob a minha

perspectiva de amante da literatura, isso sem ainda ter domínio das mirabolantes teorias interpretativas sobre obras e autores, mas com muita paixão, crendo que este sentimento podia partir de mim e acomodar os anseios de meus alunos com o imediatismo do vestibular, despertar-lhes, talvez, uma paixão idêntica a minha pela literatura. Fui professor de características, incentivei o cânone (o que eu considerava ser os melhores textos dos autores, muito incentivado pela minha experiência de aluno pré-vestinulando e pela academia), dei interpretações minhas dos textos e acreditava que estava renovando totalmente o ensino, mesmo em pré-vestibular, só porque trabalhava o contexto das obras, explicando os motivos delas existirem, como refletiam a sua época, a sua sociedade e como elas poderiam também refletir a nossa época, a nossa sociedade. Isso convenceu os alunos, bem como me convenceu por algum tempo.

Todavia, a realidade era e é um choque maior que o meu ego. Era uma necessidade minha que não conseguia ser satisfeita com o método a que me propus, mesmo no início, para dar aulas. Mas num ambiente que alimenta com elogios e olhares de novidade a cegueira egocêntrica da minha imagem de professor, é muito difícil ter autocrítica, e quando a realizo o baque é dantesco. Não é porque se faz algo que os educandos não têm ou nunca tivessem na escola, que se esteja realizando uma prática social e revolucionária. Para os alunos, assim como fora para mim, é normal ter tal pensamento, pois a única experiência anterior com a literatura fora muito negativa, praticamente nula e mutiladora. Partindo dessas experiências, é fácil eleger as aulas do pré-vestibular como as melhores do mundo, o que, aliás, se deve muito à aproximação e interação entre os sujeitos educador e educando, já que na escola esta é uma relação quase impossível de se estabelecer.

Desta forma, reproduzi, mesmo que para os alunos fosse algo novo e muito bom, uma prática que proporcionava simplesmente dar vazão à valorização que os mesmos já dedicavam ao vestibular, uma necessidade imediata deles de inclusão. Porém, não quero de todo chibatar-me aqui, já que o ser humano ou só se glorifica, ou só destrói tudo que construiu. Tenho noção e consciência de que muito se fez naquele primeiro ano de trabalho, pois percebia neles as mesmas dificuldades que eu tivera como estudantes advindos de escolas públicas de periferias, com famílias desestruturadas, com pressões desde que acordavam até a hora de dormir. Eu fazia parte daquele universo, só que estava gozando de algo pelo o qual eles ainda estavam lutando para conquistar: a vaga na universidade pública. E nesse processo entre lutar e realizar um sonho, só o fato de levar trechos de textos e poemas, interpretá-los e incentivar os

educandos a criarem suas próprias leituras e julgamentos, até mesmo seus achismos, já que também somos feitos de achismos, enfim, de possibilitar o contato concreto com o texto, com a leitura, dava mostras claras de que esta era uma forma de preocupação com o sujeito, com suas necessidades, com suas concepções de vida. E se não bastasse a dificuldade em se trabalhar os conteúdos, costume advindo desde os tempos de escola, havia e ainda há a grande dificuldade de se ter contato com as obras exigidas pelos vestibulares, algumas muito caras, outras muito antigas e de linguagem complicada. Então, este pequeno esforço de se trabalhar a interpretação dos textos trazidos à sala de aula era e é considerado pelos educandos um gesto de preocupação, e um mínimo de valorização de seus saberes empíricos.

Nesse sentido da valoração, é quase impossível não pensarmos em Vygotsky e sua ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) tão bem trabalhada pela professora Sylvia Terzi: *por valoração entendemos que aquilo que está sendo ensinado deva ter um valor, deva ter um sentido tanto para quem ensina como para quem aprende.* (2001, p. 24).

Por isso, não é necessário negar também o nosso valor subjetivo como educadores de literatura, muito pelo contrário, pois precisamos dele, é o nosso ponto de partida, é um dos nossos motivadores nesta arte e bem social que é a educação. O que não podemos fazer é impor esta subjetividade aos educandos, exigir-lhes que estabeleçam as mesmas relações de sentido e sentimento. É importante tecer o diálogo de intersubjetividades. O educando, como sujeito histórico, tem os seus valores, as suas experiências, as suas identificações, e são estas experiências e valores as realidades às quais o educador deve estar atento, propondo práticas e textos que valorizem este sujeito e sua história. Se não fosse pelo imediatismo do mundo moderno e fragmentado, pela velocidade que as coisas devem ser realizadas e conquistadas, seria possível construir um projeto de base totalmente inovador no ensino/aprendizagem em literatura nas escolas, em projetos populares de educação e mesmo em cursos preparatórios para vestibulares. Ao invés de estudar somente escolas literárias, principais autores e obras e suas características ávidas de “decobras”, tudo dentro de uma cronologia bem estabelecida na periodização literária, poderiam ser trabalhados textos, linguagens e leituras que fizessem o caminho inverso: do atual ao cânone, não do cânone ao atual; do popular ao clássico, não do clássico ao “popular”, este último em aspas porque a literatura considerada popular pela academia talvez não seja realmente popular, ou seja, feita pelo povo, tendo por receptor o povo e como assunto o povo. Assim, poder-se-ia

primeiro conquistar o sujeito, mostrar que literatura não é só Machado de Assis e sua linguagem irônica, ou Guimarães Rosa e seu regionalismo e linguagem renovadora, ou Clarice Lispector e suas “obras sobre mulheres”, porque é sob este estereótipo que raros professores trabalham nas escolas as literaturas produzidas por mulheres.

Em meu estágio obrigatório em ensino fundamental, em 2007, tentei pensar quinze aulas de duas horas de duração cada, divididas em dois dias na semana, numa turma de oitava série da Escola Estadual Prof. Gema Angelina Belia. Três dessas aulas dediquei ao estudo de literatura e, aproveitando do conhecimento que tive da realidade da maioria dos alunos, através das aulas de redação, e de seus gostos musicais expressos em camisas, playlists e “cantarolações” antes das aulas começarem, resolvi trabalhar com eles Castro Alves. Parece algo muito audacioso em princípio, mas na verdade era mais desafio que audácia. Desse trabalho eu já tinha a experiência que realizara com uma das minhas turmas de pré-vestibular no mesmo ano e julguei ser possível, guardadas as proporções e tendo algumas adaptações, desenvolvê-lo também numa turma de oitava série.

Eis a grande questão: como educador, poderia oferecer as ferramentas, propor algumas práticas e mediar as discussões sobre Castro Alves a partir das recepções dos educandos sobre a obra do autor? E como o faria? Então, só usei a meu favor o que eles usavam a favor deles. Se o mundo é uma intensa troca e mistura de culturas, a canção, a narrativa curta e a poesia poderiam unir-se para criar uma interação entre educando-educador e ensino/aprendizagem, criando-se um projeto interdisciplinar. Da realidade e da identificação deles usei uma canção do grupo Racionais MCs, “Negro Drama”; da literatura clássica, Castro Alves e seus poemas “Navio Negreiro” e “Bandido Negro”; da literatura dita não canônica, Plínio Marcos e seu texto curto, de linguagem simples e coloquial, impregnado de realidade marginal (de estar à margem), *Uma reportagem maldita - Querô*. Montei os materiais de forma que todos pudessem ter contato com os textos em suas diversas leituras. Aí a importância de se propor usar de canções e levá-las à sala com suas letras transcritas e as músicas para audição, bem como os poemas na íntegra e algumas releituras de outros artistas como as interpretações e declamações de Paulo Autran de Bandido Negro e de Maria Bethânia de Navio Negreiro. Já o texto, mesmo que pequeno, de Plínio Marcos, por questão financeira da escola e de não haver a possibilidade de se produzir cópias suficientes para todos os alunos, tive de fazer alguns recortes, escolher excertos da obra, de forma subjetiva, e levá-los à turma.

Entre os objetivos e o que realmente poderia ser concebido nessas três aulas havia uma grande distância. Foi preciso respeitar as relações estabelecidas na prática. Nem todos tiveram interesse pelas propostas de aulas, mas, pelo menos, uma particularidade ou outra chamava a atenção: ou a canção, ou os poemas, ou os trechos. A intenção desde o início era trabalhar a relação histórica de discriminação e marginalização social (explicando o real significado da expressão marginalização, de estar à margem da sociedade), os porquês e formas delas existirem, serem alimentadas pelas épocas de cada texto e as relações que estas épocas, mesmo distantes, ainda mantinham entre si. Posso dizer que a essência do objetivo foi alcançada. A identificação causada pela canção dos Racionais MCs, com quase toda turma cantando as letras na íntegra ao escutar, e depois tendo a percepção de como era diferente ler a canção, já que esta é uma prática muito negada em nosso dia-a-dia, oportunizou grandes debates, fomentados por opiniões incrivelmente particulares e distintas, algo que nem eles esperavam acontecer, já que eram vizinhos uns dos outros, em sua maioria, e julgavam que todos tivessem as mesmas vidas. Interpretações da letra, sensações e anseios diversos fizeram da sala de aula o quarto deles, onde se refugiavam das cobranças dos pais, dos olhares incrédulos da sociedade, dos gestos condenadores das ruas, só que, agora, com uma brutal diferença: tinham uns aos outros para escutar, não apenas fones de ouvidos isolados do mundo.

A partir daí, foi possível “sair” dos Racionais e chegar ao Querô, assim como também poderia ser possível, como outra experiência mostrou-me, chegar em *Capitães de Areia*, de Jorge Amado. A obra de Plínio Marcos possibilitou um contato muito próximo com o conteúdo da canção e mesmo com a vida deles, pois foi percebida a denúncia social (assim foi interpretado porque era o movimento deles como leitores e sujeitos históricos), o descaso com as camadas mais pobres, o preconceito com o mundo das periferias, e, principalmente, para eles, a situação de meninos e meninas que era idêntica a deles e de seus amigos, de seus “conhecidos”, ou até de seus pais. O mundo violento das drogas, da falta de oportunidades, das violências físicas, morais e sociais tornaram essas leituras, ou melhor, esse tipo de leituras muito produtivo em relação às reflexões sobre o homem e seu contato com o mundo, com a sociedade e com a cidadania. O sentido real das vidas e histórias das personagens, assim como as dos próprios educandos convergia e se refletia nessas discussões.

É curioso como alguns personagens tornam-se arquétipos perfeitos em nossas vidas, como se fossem uma roupa que nos cabe com conforto mesmo sem sabermos o

tamanho. Alguns personagens se tornam tão reais que, mesmo atuando em nosso processo de imaginação, ou sendo frutos de uma ficção, os leitores atribuem status de veracidade, de realidade a eles. E é essa relação de interação que pode fazer de qualquer pessoa no mundo um leitor, pois torna sua leitura prática da sua vida, interfere em seus valores, identifica o que ela é. Umberto Eco (2003) mostra como a nossa leitura se comporta frente alguns personagens e/ou obras literárias, e que se perpetuam no coletivo através dos tempos e espaços porque se tornam universais sob o propósito de algum tema ou característica peculiar do ser humano, como o ciúme de Otelo, o galanteio de Don Juan, o sofrimento de Werther, as moralidades de Chapeuzinho Vermelho. Diz Eco:

Os personagens migram. [...] De certa maneira, alguns personagens tornaram-se coletivamente verdadeiros porque a comunidade neles depôs, no correr dos séculos ou dos anos, investimentos passionais. Fazemos investimentos passionais individuais em inúmeras fantasias que elaboramos, seja de olhos abertos, seja dormitando. [...] Devemos realmente encontrar o espaço do universo onde estes personagens vivem e determinam nossos comportamentos, de forma que os elegemos como modelos de vida, nossa e de outros e nos compreendemos muito bem [...] (ECO, 2003, p. 15; p. 16)

É acreditando, em parte, nesse status que os personagens têm nas vidas dos leitores que podemos construir uma via de contramão no ensino/aprendizagem em literatura: do contemporâneo à tradição passada, do popular ao clássico, como possibilidade de conquista do leitor pela identificação, com o hábito da leitura. Assim, os meninos do Querô dialogam com os de Capitães da Areia, e estes introduzem o leitor no universo romântico de Vitor Hugo e das periferias francesas de *Os Miseráveis*, o que leva o leitor que convive ou participa de uma realidade em comum a se identificar, a valorizar-se por se ver como personagem de sua própria história, mesmo que narrada por outrem, de outro tempo, de outro espaço.

A terceira e última aula foi dedicada exclusivamente à literatura ou, poderia dizer, à leitura, pois, ao final, foi a essa concepção que cheguei. Apresentei a eles Castro Alves. Apresentei entre aspas. Não falei e subtraí o nome do autor nos poemas. Apenas forneci a cada aluno uma cópia com as poesias na íntegra, sem marcações ou comentários. No caminho inverso das aulas anteriores, primeiro realizamos a leitura efetiva dos textos, de forma particular e solitária, para que cada um pudesse construir as suas conclusões e pensamentos. De início, os gestos e caretas denunciaram a estranheza que sentiam pela linguagem, algo que tão bem atenderia ao gosto do formalismo russo e

sua concepção de literatura, a estranheza. Todavia, com a árdua ajuda do dicionário e um pouco de esforço particular de suas leituras para estabelecer sentido a algumas palavras pelo próprio texto, algo trabalhado em todas as aulas anteriores, já que o estágio era de produção e interpretação textuais e figuras de linguagens, as relações e a intimidade foram estabelecidas. Com muita propriedade, alguns alunos estabeleceram o que há em comum entre os textos. Depois de uma boa leva de debates e trocas de idéias, apresentei de fato o poeta a eles, comentando sobre a vida, a realidade e a condição do autor em sua sociedade, e como tudo que eles construíram pela leitura até ali, antes desse contato, poderia ser somado à história do sujeito e poeta Castro Alves.

Por fim, não bastava apenas a leitura e os debates emocionados do grupo, era importante também oportunizar outras formas distintas de interpretações dos mesmos textos que estavam ali em suas mãos, outras artes que poderiam tão bem representar suas discussões, produzir e/ou reproduzir outras sensações e sentimentos, como a raiva, a ternura, a indignação e a afetividade que artistas e pessoas poderiam fornecer as suas leituras particulares das obras. Paulo Autran, declamando *Bandido Negro*, chocou alguns alunos pela sua efervescência e constantes mudanças de tom da voz durante a sua declamação, o que possibilitou a eles perceber que cada mudança era para melhor comportar os sentimentos (vários ao mesmo tempo) do poeta ao denunciar a condição desumana que a escravidão destinava aos negros. Lágrimas, indignação, em meio a tantas outras emoções, tomaram conta da turma. O choque maior ficou por parte da cantora Maria Bethânia, com sua interpretação dramática de *Navio Negreiro*, que tocou muito aos alunos. Não foi difícil eles rapidamente principiarem a fazer suas analogias e comparações com outras canções e artistas de sua cultura e linguagem, remeter os sentimentos expressos pelas vozes do declamador e da cantora a outros sentimentos, até deles próprios, além de compreender como aqueles textos escritos podiam ser interpretados pela voz.

A condição humana do negro escravo de Castro Alves do início do séc. XIX, a vida regressa e o descaso social dos meninos e meninas do Querô dos anos 1970, e o porta-voz das comunidades carentes de periferia Negro Drama, dos anos 1990, convenceram-nos de que eles, educandos, pelas suas trajetórias de vida e um pouco de atenção, preocupação e afeto, podem, sabem e conseguem entender literatura, quem sabe podem gostar e ter o hábito de ler, nem que seja apenas as letras de suas canções favoritas, e de estabelecer relações entre épocas e realidades, extrapolando os textos e fomentando outras discussões (como tipos de desigualdades, violências e descasos

veem nos telejornais, que leem em suas revistas, que estão na boca dos vizinhos e de familiares).

Essa prática é deveras importante para qualquer sujeito e educador porque mostra quão importante é estarmos atentos às necessidades, dificuldades e intimidades dos educandos. Ao máximo possível é interessante que partam deles as reflexões de mundo, para que possamos aproximá-los do universo canônico e das linguagens e realidades de outras épocas. Todas essas culturas podem dialogar, interpretar e reinventar a vida, como disse o contador de histórias e crítico de literatura infanto-juvenil Celso Sisto: [...] *Literatura não é tratado científico! Não é aula! É vida reinventada com a fantasia e coerência, com técnica, às vezes com poesias, às vezes com coloquialidade, mas sempre com maestria.* (2009, p. 70)

Desta forma, ratificam-se algumas palavras já ditas aqui: toda esta experiência mostra a importância de trabalhar a literatura como uma prática de leitura, melhor ainda, como práticas de leituras. Este é um dos tratamentos mais fiéis e de respeito ao educando que podemos concretizar com o objeto de nosso amor, a literatura. E é neste esforço que devemos concentrar nossas angústias e objetivos como educadores formadores, cidadãos responsáveis por uma grande e importante parte da formação de outros cidadãos. Isso é dar praticidade à literatura, torná-la útil, identificadora e valorosa às pessoas.

### **3.2 estudos literários e estudos culturais: a dicotomia entre o educando universitário e o educador da sala de aula**

A literatura é, assim, vida, parte da vida, não se admitindo que possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana.

Afrânio Coutinho

É inegável que muito do que levamos para sala de aula é reprodução das experiências que tivemos em nossa formação acadêmica, mais ainda por ela ser parte das experiências da nossa vida. O limite entre o conhecimento que é trabalhado, adquirido e fixado no universo da faculdade e o conhecimento que pretendemos levar ao espaço escolar é muito tênue. Ainda que se trate do mesmo objeto e conteúdo, os

métodos precisam ser distantes um do outro. O sujeito que somos na universidade pode e deve interferir no sujeito que pretendemos ser na escola, bem como o sujeito que somos na vida concreta as bases do que somos em tudo. Todavia, os laços que amarramos nesses ambientes distintos são concretizados e percebidos de formas diferentes pelas pessoas que interagem conosco. As demandas e os anseios são outros, e a comunicação a ser exercida também requer percepção de suas particularidades. E o ensino/aprendizagem em literatura exigem que se façam essas adaptações e que se respeitem as subjetividades na hora de adentrar nos mundos diversos existentes em sala de aula, tanto para que não se perca a possibilidade dela, a literatura, fazer sentido na vida das pessoas, quanto das pessoas encontrarem algo de suas vidas na literatura.

Somente o leitor, imbuído deste costume, ler, tem condições de atribuir valor ou reconhecer valor em uma obra literária. São essas relações de valor conspiradas pelo leitor e somadas à sua perspicácia crítica em evidenciar semelhanças e diferenças com outras leituras, com outras expressões artísticas, entregues ao prazer da análise, da hipótese e da experimentação de proximidade com o mundo que cerca a obra, tornando-a real, que o transforma em crítico, e dadas as comprovações de suas engenhosas experiências de investigação torna-se num teórico. Então, qualquer pessoa sinceramente tomada pelo gosto da leitura e motivada pelo espírito da análise, pode ser um crítico. Cabe à academia mapear e organizar isso tudo, proporcionar-lhe o contato com as perspectivas, fornecer as ferramentas para a compreensão da profissão, seus métodos, suas estéticas e estilos, munindo esse crítico de saberes que aguçaram seu olhar como se fosse uma lupa, outorgando-lhe o título de investigador, de teórico.

Introduzir esses saberes de crítico e de teórico em sala de aula, sem necessariamente tocar nas palavras crítico e teórico de forma explícita, mostra métodos, organiza ideias e pensamentos, aproximando de outros objetos de estudo, criando associações ou amparando as angústias, é uma boa maneira de direcionar os estudos e os trabalhos sugeridos em aula, já que alguma forma clássica de avaliação sempre é exigida pelas instituições de ensino. Essa iniciativa de fazê-los compreenderem-se capazes de averiguar os elementos estéticos e de estilos de uma obra, de criar analogias e reconhecerem as verdades do mundo que ela enreda, coloca-os em confronto com uma intensa relação de choque de referências, de preferências, de conceitos e preconceitos, pois uma teoria e seus estudos literários, quaisquer que sejam, edificam-se nesses alicerces, como vemos em Compagnon:

Toda teoria, pode-se dizer, envolve uma preferência, ainda que seja pelos textos que seus conceitos descrevem melhor, textos pelos quais provavelmente instigada [...] Assim, uma teoria erige suas preferências, ou seus preconceitos, em universais. [...] Todo estudo literário depende de um sistema de preferências, consciente ou não. (COMPAGNON, 1999, p. 226)

Logo, valemo-nos de um tripé inerente à nossa formação como críticos ou teóricos, não importa o nível de ensino: atribuição de valor, uso da subjetividade e capacidade de julgamento. Tendo o educador essa consciência de seu espírito, e reconhecendo o mesmo no estudante, é extremamente necessário apresentar ao educando algumas questões imprescindíveis acerca dos estudos literários em sala de aula como levantadas por Compagnon:

Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Que lugar deve ser o seu no espaço público? Ela é útil para a vida? Por que defender sua presença na escola? Uma reflexão franca sobre os usos e o poder da literatura parece-me urgente [...] (COMPAGNON, 2009, p. 20)

Bem, essas são questões importantes porque é delas que partimos, inconscientemente, para criarmos minimamente possível uma relação de valor entre educando e obra literária, ou entre outras formas de arte que dialoguem com a coisa literária. Todavia, esses são questionamentos que não se dão assim, explicitamente. É necessário conduzi-los, construí-los com a prática, a partir das angústias dos alunos ou de seus achismos até despertar, de forma lenta e gradual, pois assim o é, sua mentalidade investigativa, organizá-la, construir suas bases e atender suas angústias, se as possuir. É dessa maneira que se pode confiar na literatura, em sua condição de haver coisas que só ela pode nos dar, conforme as palavras de Ítalo Calvino: *Minha confiança no futuro da literatura consiste em saber que há coisas que só a literatura com seus meios específicos pode nos dar.* (2009, p. 20)

Mas que coisas seriam estas, afinal, que só a literatura pode nos dar? Ousemos responder. O homem pode encontrar nela meios de entrar em contato consigo, com os outros, com o mundo, um contato por vezes esclarecedor, outras vezes angustiante, ou ainda surpreendente, com o novo, com o misterioso. A literatura possibilita às pessoas maior compreensão das relações mundanas, porque se faz ela também verdade destas relações e do mundo quando as representa. Óbvio que este é um elo que só se pode projetar caso haja ou se descubra no espírito de cada um a disposição em desenvolver intimidade com ela. Essa é a intimidade que pretendemos, como educadores em literatura, despertar também no educando, respeitando sempre seus limites, seus gostos,

os processos da engenharia das suas concepções, e aproximando o seu mundo literário do nosso, marcando com todos os sinais possíveis os espaços dos estudos culturais dentro da literatura.

No entanto, os espaços dos estudos culturais na literatura brasileira são uma área de difícil demarcação e aceitação, ainda mais em níveis de ensino básico e superior. Propor como trabalho que se estude a cultura popular, ou de massa, ou mesmo obras de escritores reconhecidos, mas que estão fora do cânone causa muitos desconfortos em professores e instituições de ensino. A canção do homem da roça ou do grupo da periferia perde em sala de aula a força de identificação que possuem por não representarem o gosto por uma linguagem apurada pertencente a um artista de fama e nome construído por uma classe econômico-cultural dominante. As revistas em quadrinhos, ou o cordel, ou ainda literaturas como Harry Potter são taxadas de não literaturas por não ocuparem um lugar de respeito no imaginário daqueles que determinam, pelo seu poder aquisitivo, o que é arte ou não, logo o que é literatura ou não. Todavia, são Patativa de Assaré, Tonico e Tinoco, Emicida (conjunto de rap) e o grafite (arte plástica que compõe um dos elementos essenciais do hip-hop), as novelas das emissoras de televisão e as charges de jornais populares (que são mais acessíveis financeira e intelectualmente) expressões artísticas que melhor se aproximam do ideal de arte do povo, dependendo da comunidade em que a escola está inserida, por serem oriundos do popular, possibilitando inclusive a construção de bases mais sólidas para se desenvolver métodos que deem conta tanto de valorizar a arte que faz parte da trajetória do educando e do seu cotidiano quanto realizar o contato deste com as formas eruditas de arte.

Conforme Michel Fournier (2002), os estudos culturais têm por problemática estudar toda a forma de produção cultural em suas relações com as práticas que determinam o cotidiano (a ideologia, instituições, linguagens, estruturas de poder, etc), resultando em uma bricolagem crítica, esses estudos nem sempre se apóiam em um método definido nem sobre campos de investigação claramente marcados. Eles se dizem, ao mesmo tempo, interdisciplinares (transdisciplinares) e contra-disciplinares na medida em que contestamos métodos estabelecidos. Mesmo que essa da área literatura ainda seja carente de uma composição crítica e teórica mais definida, talvez seja essa condição que compreenda fielmente o que são os estudos culturais, algo amplo, abrangente e que depende da diversidade cultural, portanto possui conceitos tão

distintos para comportar essa diversidade que respira e se movimenta no coletivo ou no individual de uma pessoa ou grupo nos tantos cotidianos do mundo.

Os estudos culturais mexem com o que é mais íntimo dessa coletividade ou individualidade, pois permitem que questionemos nossa identidade, ideologia, nacionalidade, etnicidade, classe social, sexualidade e/ou gênero, temas tão presentes e polêmicos que compõe a sociedade como um todo, mas principalmente o popular, já que pertencem à realidade e ao espectro de discussão claramente da poesia de cordel, do repente, da moda de viola, do rap, da dança de periferia, dos filmes que tratam sobre as realidades brasileiras como a seca do sertão, a violência urbana, o abuso e desperdício da infância, etc. E são esses assuntos melhor comportados pela voz do popular, porque é nesse universo que eles refletem a exclusão, o preconceito e o descaso sociais, são experiências que transitam e formam grande parte das trajetórias de vida de oprimidos culturais como evidenciou Paulo Freire década 1960, porque a sua Pedagogia do Oprimido é um reflexo desses elementos, elementos contidos nos estudos culturais.

O educador deve estar atento e disposto a não corroborar com essas formas clássicas de ensino de literatura que impõem à sociedade conceitos, gostos e valores. Se assim a literatura continuar a ser tratada, não estaremos mais do continuando o processo histórico de imposição cultural a que o país sofre desde seu período de colônia, influência que tentamos desmitificar hoje, mas que não conseguimos mais deixar de perceber como ainda interfere num país que ainda não reconhece na sua mestiçagem a grande riqueza cultural que possui. Assumimos que somos mestiços, mas muito da cultura que se trabalha nas escolas, que se consome e valoriza ainda é abalizada por uma minoria que representa a elite cultural e econômica, que decide o que é cultura erudita e o que é expressão popular, já que não compreende muito bem ser cultura o que urge do seio popular. Os estudos culturais nos servem como aplicação de técnicas de análise literária de matérias culturais de que os estudos literários não dão conta, ou seja, abrangem os territórios de atuação dos próprios estudos literários, e eles podem ganhar muito se a literatura é incentivada e estudada como uma prática cultural, intensificando-a como um fenômeno intertextual.

Entretanto, alguns comportamentos precisam ser revistos no trato que tange ao ensino de literatura. Refiro-me a velhos compromissos que teorias, críticas, academia e educadores assumem por acreditarem piamente que eles são os códigos mais leais de conservação, respeito e dignidade à prática de ensino da Deusa Literatura. Assim o é, pois, mantendo estes mesmos tratados independentemente do tempo e do espaço,

tornam-se esses investigadores e amantes da literatura santos, apóstolos, servos de uma divindade que, como toda divindade não carece de grandes transformações, apenas de mais e mais seguidores. É por esse evento clássico do comportamento humano nos sistemas de ensino que ainda somos obrigados a principiar nossos entendimentos de literatura através de uma velha, incansável, teimosa e retórica pergunta: o que é literatura? Questionável é a sobrevivência da questão em si, já que se definiu há muito tempo que literatura é palavra, texto. E assim nos acometem as primeiras lições sobre o tema. Parece que não há renovação nos métodos, por mais que a literatura mostre-se renovadora em seu tempo e espaço, por incrível que seja o ajuste ou desajuste de autores e leitores em suas infinitas experiências de vida. Será que realmente devemos sobrepujar uma definição única do que é ou não literatura a todas as sabedorias que adquirimos em vida? Imagina-se ser esse o desejo incomensurável de teóricos e críticos, por conseguinte de professores quando insistem em tais questionamentos retóricos.

Ao levarmos este tipo de relação para sala de aula, estamos contribuindo para sustentação de elos de julgamentos, de interpretações e de valores nada autênticos e preconcebidos pelos estudos literários, quase um estímulo-resposta, como prevê o behaviorismo clássico de Pavlov e Watson, ou uma concepção bancária, que Paulo Freire abominava. Uma conduta que desanima de pronto a práxis interpretativa, inter e multidisciplinar da literatura. A preocupação não deveria ser em identificar o que a tradição clássica dos estudos de literatura já demarcou na pergunta o “que é literatura”, mas sim o que cada sujeito entende ser literatura, qual a concepção que tem, porque a pensa assim e colocá-lo à vista dos horizontes críticos mais diversos que existem na lida da questão. Aí, sim, confrontá-lo com o que já se tem de constituído pelas correntes, escolas ou movimentos literários, pelo trabalho árduo de suas críticas e teorias. Que se deixe bem às claras que neste processo não pode haver negação do que já constituiu o educando em seus estudos em detrimento do confronto com teorias clássicas e reconhecidas pela academia. Muito do que precisamos defender como educadores é desconstrução, construção, renovação, inovação a respeito de crítica e teoria. Compagnon faz suas alusões críticas ao senso comum que a teoria e a crítica literárias alimentam:

Porque não é do lado teórico ou teológico, nem do lado prático ou pedagógico, que a teoria me parece principalmente interessante e autêntica, mas pelo combate feroz e vivificante que empreende contra as ideias preconcebidas dos estudos literários, e pela resistência igualmente determinada que as ideias preconcebidas lhe opõe. Esperaríamos, talvez, de uma balanço da teoria literária, que depois de ter

oferecido sua própria definição de literatura, como definição contestável! — trata-se, na verdade, do primeiro lugar-comum teórico: “O que é literatura?” (COMPAGNON , 1999, p. 16)

A academia intenta a formação de críticos e teóricos, e faz algum tempo que é só a esta vontade que métodos e estudos atendem e que professores se submetem. No fim, o substrato que resiste em muitos profissionais (ou por desejo, ou por necessidade ou até por obrigação) é o estado de criogênese (congelamento e dormência) dos estudos literários que estão inclusos, ainda em pleno século XXI, na educação básica. Transformam-se em marionetes do ensino ou em seres que atuam por “reflexo condicionado”, repetindo apenas as mesmas aulas expositivas e cravando a estacada das verdades absolutas no coração da educação. São perpetuadas linhas de raciocínio, ações interpretativas e estudos de literatura sob questões dogmáticas, como qual é a intenção do autor, do que trata a obra, o que podemos tirar do texto como mensagem, por que o autor utilizou tal linguagem e muitas outras “papagaiadas” ecoadas neste zoológico humano chamado sistema de ensino de literatura. Prega-se uma didática de definições, de verdades universais incontestáveis e solitárias, um verdadeiro ensino solipsista que tanto tem erguido suas muralhas e fortalezas para afastar a literatura da vida, já que, assim, só compreende uma possível representação da vida. E mesmo que seja inconsciente, o que constantemente o é, grande parte dos formadores de opinião, seja ela negativa ou positiva, sobre a literatura, semeiam e enraízam tais relações mutiladoras e subjetivas da academia na sala de aula. Segue Compagnon:

[...] Acreditamos, durante um tempo, que a teoria literária tivesse banido para sempre essas questões lancinantes. Mas as respostas passam e as perguntas permanecem. Estas são mais ou menos as mesmas. Há algumas que não cessam de se repetir de geração em geração. (COMPAGNON , 1999, p. 17)

Não há como imaginar que seja positivo e gratificante definir a hospitalidade brasileira, representada por uma obra ou pelos contextos que ela consegue refletir, pela linguagem maçante de Sérgio Buarque de Holanda, ou explicar a Teoria da Recepção aos educandos pelas palavras de Bakhtin e Jauss, ou partir de definições do que é literatura segundo *A Poética* de Aristóteles ou dos preceitos do Formalismo Russo. É óbvio que estas teorias e tantas outras mediam, de forma internalizada, nosso diálogo em sala, amparam nossos pensamentos quando preparamos nossas aulas. Todavia, deve-se ter cuidado e sensibilidade na hora de lidar com tais concepções e valer-se de um grande potencial de **adaptação** para não ferir a inteligência do estudante, bem como seu

ego. Quando afetamos o ego de alguém em sala de aula, de forma negativa, pela inferioridade, geralmente perdemos esse sujeito. Fica praticamente impossível de conquistá-lo ou, se for o caso, de reconquistá-lo. Há necessidade de trabalharmos também pelo avesso, como já evidenciamos na questão de ir do contemporâneo ao clássico, do popular ao cânone. Precisamos partir do que já existe preconcebido no raciocínio do educando para o preconcebido na teoria literária, por mais simplório que seja, sem desmascarar, de todo, este movimento. Propor que, além do que pensa o aluno, há possibilidades de amparo ou de contestação em outras teorias que constituíram até hoje a Ciência Literária, sem desvalorizar ou desvalidar o que ele constituiu para si até então.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso desmitificar muito do que foi construído até hoje, em sala de aula, sobre literatura, principalmente, do que se afirma não ser literatura, ou literatura de segunda classe, ou menor, como muitos professores da Academia defendem, ou sobre o que e como se pode interpretar tal obra, tal autor, não no intuito de negar ou simplesmente mandar pelos ares os esforços que grandes homens da literatura já dedicaram a ela, seja pela filosofia, ou pela história, ou pela sociologia, ou como escritor de obras literárias, tecendo ou não todo arsenal crítico e teórico existente e formando os alicerces das tradições literárias. Não mesmo. Trata-se de possibilitar ao educando outros caminhos, que ele descubra suas trilhas ou as forje, reconhecendo-se como tutor desta peregrinação, escolhendo ou inventando seus dogmas, o que lhe serve e o que pretende, de forma consciente e sabedor de que tudo isso já vira antes de outra maneira e que pode, em determinada instância, auxiliá-lo nesta jornada. Não queremos que se cometa mais uma vez o equívoco de se negar o passado da literatura, a história que já fora esculpida nos anais da humanidade desde a antiguidade. Seria deveras ingênuo e ignorante tal comportamento, mais opressor que atrelar os estudos literários a meras definições e verdades. Mas a literatura precisa disso, partir da vida, como reflexão dela, tendo contato com ela, pois se constitui a obra literária também como uma das verdades da vida, e seus personagens e histórias como representação destas verdades.

Como o ser humano, a literatura também pode muito, só que depende deste ser humano para preservar este poder, esta ação, esta interferência ora psicológica, ora histórica, ora sociológica, mas sempre literária. Tzvetan Todorov (2009) assim afirma sobre o poder da literatura. Mas só o pode ser assim se o sujeito também o puder ser na práxis, pois é cada leitor um autor e vice-versa. Há movimentos de interpretações diferentes da vida pela literatura, que em determinado momento se encontram na encruzilhada da leitura e do processo criativo. Literatura é, em suma, uma reflexão da existência humana, da sua condição, da relação do homem consigo mesmo e com o mundo, com os outros homens, com as epistemologias de épocas e lugares, “serve de veículo para os valores, mas seus valores não residem neles”, como afirma Coutinho (2008). A literatura pode muito como segue Todorov:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. (TODOROV, 2009, p. 76)

Não vamos imaginar que esta relação com a literatura sempre será tecida, bem pelo contrário. Ainda mais com as necessidades a que o mundo moderno de hoje nos condena. Entretanto, é este esforço que se intenta realizar para mudarmos e, essencialmente, reconquistarmos em sala de aula a importância que a literatura pode ter na vida das pessoas. Eu mesmo posso servir de exemplo, dadas as experiências que tive em família, na escola e na vida fora das instituições, com a literatura, e dado o modo como ela surte efeito em minhas relações, como atribuí gosto, valor e tutela a ela sobre a organização de meus sentimentos. Ela realmente ampara como qualquer pessoa poderia amparar-nos num momento de desgosto com a vida, desilusão, ou estado de indignação ferrenha com a sociedade. Já fui escolhido por uma obra de minha biblioteca, como menciona Ítalo Calvino em *Por que ler os clássicos*, num destes momentos de profundo desespero e desilusão amorosa. *O Amor nos Tempos do Cólera*, de Gabriel García Márquez, pôs em ordem muitas das compreensões que eu deveria ter naquele momento sobre um amor desfeito e suas dores, ou sobre o que nos leva a chegar ao rompimento, até entender o que se passa nos pensamentos de uma mulher. Não afirmo que funcionasse com todas minhas relações amorosas, menos ainda com todas as mulheres, aliás, impossível seria isso. Mas naquele momento atribuí o valor necessário e a obra coube como mensagens e explicações. Serviu-me de mão estendida e retomada de vida. De repente, se tivesse lido *Os sentimentos do jovem Werther*, outro valor à minha vida teria sido subsidiado.

Se um aluno me surge com idêntica crise existencial, o que já aconteceu inúmeras vezes, é impossível não estabelecermos uma conversa galgada pela minha experiência de leitura e de vida, possibilitando a indicação de um texto, de uma canção, de alguma expressão artística que possa estabelecer uma relação de ajuda, de compreensão, de valor. Neste momento, melhor que ter ciência de teorias e críticas, é ter conhecimento de personagens, contar um pouco da trajetória e do enredo em que estão inseridos, e melhor será se houver um caráter autobiográfico, pois sustenta a intenção de veracidade da história, já que demora e é distante do leitor adolescente, ou simplesmente do leitor não acostumado a ler textos, a proximidade real que esses personagens possuem. Quando o ser entra em contato com diversos personagens, ainda

mais em estado de angústia, ele entra em contato com outras pessoas, talvez outras pessoas de si próprio, tão reais quanto ele, quanto sua ex-amada, quanto seu vizinho ou seu parente. Seu universo de compreensão de mundo amplia, sua astúcia de averiguação psicológica aguça. Segue Todorov: *Conhecer novas personagens é como encontrar novas pessoas, [...] Quanto menos essas personagens se parecem conosco, mais elas ampliam nosso horizonte, enriquecendo assim o nosso universo.* (2009, p. 80)

Esse é o movimento que atrai os educandos. Essas são as teorias que podemos transitar em sala de aula, vias de acesso à vida, às ruas da condição humana, aos laboratórios das experimentações mundanas. Quando tudo isso se coloca em prática, em confronto, em debate, a literatura tem mais chances, e honestas, de provocar valor às pessoas. Mesmo os estudos literários, a crítica e a teoria podem e devem ser recuperados no ambiente de ensino, desde que não infrinjam as leis de identificação e de valorização do educando, que não lhe neguem suas verdades, não desmintam suas concepções, não desmitifiquem suas ilusões, num primeiro momento. Respeitar isso, permitindo à turma trazer à sala de aula Harry Potter, Senhor dos Anéis, Série Crepúsculo, não é uma atitude de desvalorização da literatura, é apenas uma ação que desafia o gosto acadêmico no qual o educador está imerso, e que se preserva sob a prerrogativa da negação, do discurso da história literária no que erige ser boa literatura, da defesa do cânon, do que é ou não é literatura.

Contudo, não se precisa ter tanto medo em trabalhar aquilo de que não gostamos ou, no caso, não lemos, portanto, sobre do que não temos conhecimento. É inteligente da parte dos educadores darem uma carona a Harry Potter até o mundo do realismo mágico ou ao fantástico de Allan Poe, construir a ponte entre o Senhor dos Anéis e as mitologias e lendas que foram reinterpretadas pela obra, bem como aproximar o universo sangrento e romântico dos vampiros modernos do Crepúsculo às leituras clássicas que estigmatizaram e criaram o estereótipo deste ser, do seu comportamento e psicologia que tanto tem sido re-imaginado no séc. XXI. É o momento perfeito pra apresentar-lhes Bram Stoker e o seu Conde Drácula, a mitologia da escravidão dos lobisomens, a estética do sofrimento amoroso e comparar com a estética do romantismo.

Claro, parece, em primeiro momento, inovadora demais essa proposta de ensino/aprendizagem em literatura, no entanto não podemos negligenciar se quisermos conquistar leitores. Muitos ficariam receosos, e não lhes tiro a razão, por estas obras não fazerem parte do cânon. Elas fazem parte de uma nova ramificação da literatura

popular, pois se inserem no seio desta até como organização social de um grupo, ou de uma comunidade, são tábuas de comportamento, de relações entre essas pessoas. Só não julgo covarde, por parte de muitos professores recém formados, a não intenção de se trabalhar essas expressões literárias em sala de aula, pois a academia não gosta, julga não ser literatura, execra muito do que compõe a literatura hoje, inclusive a expressão literária mais clássica de todas, a literatura oral, pois não aceita o que realmente é de cunho popular, ou seja: formada pelo povo, atribuída pelo povo, para o povo, tendo como espectador, protagonista, e assunto o povo. Nesse contexto, Tom Jobim, Caetano Veloso, Belchior seriam menos populares que Raça Negra, Racionais Mc's e Lupicínio Rodrigues. O brega seria mais “corretamente” popular que a bossa nova ou que o tropicalismo, e as histórias narradas por Maria Carolina de Jesus em *Quarto de Despejo* seriam mais reais e identificadoras que as de José de Alencar, ou as de José Lins do Rego, ou ainda o cordelismo de Patativa de Assaré seria de maior apelo popular que os poemas de Carlos Drummond de Andrade e de toda sua trupe da poesia moderna.

Trazer estas histórias essencialmente populares implica constituir uma nova bagagem de leituras, de interpretação da própria literatura, de identificação e de valorização da coisa literária. É o início de um processo novo, de reconhecimento e de formação de novos críticos e teóricos, que mexem com formas de expressões tão antigas e clássicas de literatura quanto as que estão fincadas nos arranha-céus do cânone literário. É isso que falta para parte da crítica e da teoria literárias mudarem suas perspectivas e para a literatura reconquistar seu lugar e valor nos espaços públicos de ensino. Talvez, assim, o velho discurso subjetivo do que se pode ou não ler, do porquê tal obra é ou não literatura, perca sua força e adormeça dentro de um dos armários esquecidos e trancafiados nos porões da academia. Miguel Rettenmaier trata bem do assunto sobre a opressão destinada às leituras comuns e sai em protesto contra o discurso do que pode ou não ser lido:

Foi a redução, assim, da amplitude do ato de leitura alicerçada na delimitação rigorosa do que poderia ser lido que construiu e, até hoje, preserva o ‘discurso da falta’, que, segundo Márcia Abreu, ‘torna invisíveis as práticas de leitura comuns’ e que tem eco na escola e em outros espaços de ensino[...] (RETTENMAIER, 2004, p. 193)

Mais do que leituras comuns, o que se perde na atual pedagogia de literatura são histórias em comum, a possibilidade de a literatura realizar sua função mais essencial e de exercer seu bem mais bonito: servir de mão estendida à compreensão da condição

humana e de ser mais um meio de contato profundo e inesgotável do homem com ele mesmo, com o mundo, utilizando-se de tantas outras expressões artísticas e deixando evidente o seu caráter democrático, tolerante e agregador de outros saberes. É a literatura umas das disciplinas mais injustiçadas e desvalorizadas nas escolas, e carrega consigo para esse abismo do esquecimento a leitura ou, pelo menos, grande parte dela. Não é isso um medo ou uma crença na possibilidade da morte da literatura, ou do livro, bem como o fim da leitura, ou que elas sejam manifestos de libertação do homem, ou de conscientização, ou de assimilação de virtudes, de valores dignos. Engana-se quem pensa assim. Defendemos, aqui, a ferros e punhos, que a literatura pode, e pode muito, aproximar o homem, de diversas e distintas maneiras, das infindáveis compreensões que cercam seus incansáveis e problematizadores conflitos durante sua estada no mundo.

Literatura é, em suma, uma reflexão da existência humana, da sua condição, da relação do homem consigo mesmo e com o mundo, com os outros homens. Por isso é primordial introduzirmos os estudos culturais na práxis do ensino/aprendizagem em literatura como uma forma de identificar e refletir sobre os valores que fazem parte do momento histórico-cultural de cada sociedade. Somente zelando por essas práticas, práticas que motivem e assegurem experiências de leituras, leituras que partam e contribuam para formação do sujeito leitor, haverá uma relação de valorização social concreta no ensino/aprendizagem em literatura como um processo cidadão. Se há algo que a literatura liberta de todo, só ela poderá mostrar-nos, então.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *Lucíola*. Editora Ática: São Paulo, 2000.

ALVES, Castro. *Os Escravos*. L&PM: Porto Alegre, 2002.

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. Companhia das Letras: São Paulo, 2008.

ASSARÉ, Patativa do. *Cante Lá que Canto Eu Cá*. Vozes: Petrópolis/RJ, 1984.

BOSI, Afredo. In: *Literatura e Resistência: Narrativa e Resistência*. São Paulo: Cia da Letras, 2002.

CADEMARTORI, Lígia. *Períodos Literários*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Abril Cultural: São Paulo, 1979.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. *Porque ler os clássicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antônio. O Direito à Literatura. In: *Vários Escritos*: São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1954/1966.

CARVALHAL, Tânia Franco. O próprio e o Alheio: Ensaio de Literatura Comparada. Editora Unisinos: RS, 2003.

CHARTIER, Roger. BOURDIER, Pierre. *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Literatura: Teoria e Senso Comum*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: UFMG, 2009.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de Teoria Literária: Que é literatura e como ensiná-la?* Petrópolis: Vozes, 2008.

CUNHA, Helena Parente. Periodização e História Literária. In: Rogel Samuel. (Org). *Manual de Teoria Literária*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ECO, Umberto. *Sobre a Literatura: Sobre algumas funções da Literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ELIOT, T. S. A função social da poesia. In: *De poesia e poetas*. Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_, As três vozes da poesia. In: *De poesia e poetas*. Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FILHO, Alexandre Dumas. *A Dama das Camélias*. L&PM: Porto Alegre, 2004.

FOURNIER, Michel. *Estudes Culturelles*. IN: ARON, Paul. Le dictionnaire Du littéraire. Paris: PUF, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido: Primeiras Palavras*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. *A Importância do Ato de Ler: A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. *Educação como Prática de Liberdade: Educação e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GOETHE, Johann Wolfgang. *Os sofrimentos do Jovem Werther*. Abril Cultural: São Paulo, 1971.

HUGO, Victor. *Os Miseráveis*. Edgraf: São Luís, 1959.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*. Editora Ática: São Paulo, 1994.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura de mundo*. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina (Org). *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

MALARD, Letícia. *Ensino e Literatura no 2º Grau: problemas e perspectivas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

MARCOS, Plínio. *Uma Reportagem Maldita – Querô*. Editora Símbolo: São Paulo, 1976.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *O Amor nos Tempos do Cólera*. Record: Rio de Janeiro, 2006.

MOLIÈRE. *Don Juan*. L&PM: Porto Alegre, 2001.

NETO, Simões Lopes. *Contos Gauchescos*. Editora Globo: Porto Alegre, 1978.

PAROLIN, Isabel Cristina Hierro (Org). *Sou Professor! A Formação do Professor Formador: A formação do professor formador: um investimento em autoconhecimento*. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas*. Companhia das Letras: São Paulo, 1998.

SHAKESPEARE, William. *Otelo*. L&PM: Porto Alegre, 1999. Tradução de Beatriz Viégas-Faria.

\_\_\_\_\_, *Romeu e Julieta*. L&PM: Porto Alegre, 2007. Beatriz Viégas-Faria.

SISTO, Celso. A literatura freqüenta a escola... Mas quem conta as histórias? In: Parolin. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

RETTENMAIER, Miguel. Cultura, escrita e identidade(s): difíceis contornos. In: BARBOSA, Márcia H. S.; RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tânia M. K. *Leitura, identidade e patrimônio cultural*. Passo Fundo: UPF, 2004

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2001.

STOKER, Bram. *Drácula*. L&PM: Porto Alegre, 1997.

TERZI, Sylvia Bueno. *A construção da Leitura: A aprendizagem segundo Vygotsky*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo: Além da Escola* Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VERISSIMO, Érico. *O Tempo e o Vento*. Editora Globo: Porto Alegre, 1961.

## **Anexos**

### **1. Canções**

“Cartas pra Você”

Nx Zero

Composição: Diego Ferrero / Leandro Rocha

Eu tento te esquecer  
Mas tudo que eu escrevo  
É sobre você  
Eu não posso me enganar  
Fingir que estou bem  
Porque não estou  
Preciso de você  
Preciso de você  
Essa noite  
E hoje estou aqui  
Só pra te cobrar  
O que você disse  
Que iria ser pra sempre  
Mas não foi assim  
Agora o que me resta  
Escrever nessa carta  
Pra lembrar  
Eu passo tanto tempo  
Só te procurando  
Em um outro alguém  
Mas não posso me enganar  
Sinto sua falta  
E ninguém pode ver  
Preciso de você  
Preciso de você  
Essa noite  
E hoje estou aqui  
Só pra te cobrar  
O que você disse  
Que iria ser pra sempre  
Mas não foi assim  
Agora o que me resta  
Escrever nessa carta  
Preciso de você

“O Mundo É Um Moinho”

Composição e intérprete: Cartola

Ainda é cedo amor  
Mal começaste a conhecer a vida  
Já anuncias a hora da partida  
Sem saber mesmo o rumo que irás tomar  
Preste atenção querida  
Embora saiba que estás resolvida  
Em cada esquina cai um pouco a tua vida  
Em pouco tempo não serás mais o que és  
Ouça-me bem amor  
Preste atenção, o mundo é um moinho  
Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos  
Vai reduzir as ilusões à pó.  
Preste atenção querida  
De cada amor tu herdarás só o cinismo  
Quando notares estás a beira do abismo  
Abismo que cavastes com teus pés

“Pensando em Você”  
Turma do Pagode  
Composição: Tavito / Nado Siqueira

Estava satisfeito só em ser teu amigo  
Mas o que será que aconteceu comigo?  
Aonde foi que eu errei?  
às vezes me pergunto se eu não entendi errado  
Grande amizade com estar apaixonado  
Se for só isso logo vai passar  
Mas quando toca o telefone será você?  
O que eu estiver fazendo eu páro de fazer  
E se fica muito tempo sem me ligar  
Arranjo uma desculpa pra te procurar  
Que tolo, mas eu não consigo evitar  
Porque eu só vivo pensando em você  
É sem querer, você não sai da minha cabeça mais  
Eu só vivo acordado a sonhar  
Imaginar nós dois  
Às vezes penso ser um sonho impossível  
Uma ilusão terrível será?  
Que hoje eu pedi tanto em oração  
Que as portas do seu coração  
Se abrissem para eu te conquistar  
Mas que seja feita a vontade de Deus  
Se Ele quiser, então, não importa quando, onde  
Como eu vou ter teu coração  
Faço tudo pra chamar sua atenção  
De vez em quando eu meto os pés pelas mãos

Engulo a seco um ciúme  
Quando outro apaixonado quer tirar de mim sua atenção  
Coração apaixonado é bobo  
Sorriso teu eu me derreto todo  
O seu charme o seu olhar  
Sua fala mansa me fez delirar  
Mas quanta coisa aconteceu e foi dita  
Qualquer mínimo detalhe era pista  
Coisas que ficaram para trás  
Coisas que você nem lembra mais  
Mas eu guardo tudo aqui no meu peito  
Tanto tempo estudando seu jeito  
Tanto tempo esperando uma chance  
Sonhei tanto com esse romance  
Que tolo, mas eu não consigo evitar  
Porque eu só vivo pensando em você  
é sem querer, você não sai da minha cabeça mais  
Eu só vivo acordado a sonhar  
Imaginar nós dois  
às vezes penso ser um sonho impossível  
Uma ilusão terrível será?  
Que hoje eu pedi tanto em oração  
Que as portas do seu coração  
Se abrissem para eu te conquistar  
Mas que seja feita a vontade de Deus  
Se Ele quiser, então, não importa quando, onde  
Como eu vou ter teu coração  
Mas quando toca o telefone será você?  
O que eu estiver fazendo eu paro de fazer  
E se fica muito tempo sem me ligar  
Arranjo uma desculpa pra te procurar  
Que tolo, mas eu não consigo evitar  
Porque eu só vivo pensando em você  
é sem querer, você não sai da minha cabeça mais  
Eu só vivo acordado a sonhar  
Imaginar nós dois  
às vezes penso ser um sonho impossível  
Uma ilusão terrível será?  
Que hoje eu pedi tanto em oração  
Que as portas do seu coração  
Se abrissem para eu te conquistar  
Mas que seja feita a vontade de Deus  
Se Ele quiser, então, não importa quando, onde  
Como eu vou ter teu coração

“Mun-Rá”

## Sabotage

Composição: Sabotage

Menina Leblon  
vermelho Baton  
foi vista com Jow  
malhando na praça  
Sabot Canão  
Convoca no som  
a Paz dos irmãos  
de toda quebrada  
Sabotage mano Anisio  
Eu vejo diabólico confiro analiso  
um Branco e um Preto unido  
respostas cala o ridiculo  
Vejo assim confisco, mundo submisso  
eu adiquiro, alivio, Paz para os meu filhos  
na decente, atenciosamente eu sigo em frente tipo assim  
regenerado delinqüente lá do Brooklyn  
não sou Mun-Rá mas tenho sim uns Pit Bull por mim  
sei que até lá, liberdade já, pros meus irmãozinhos  
representei, com um do verdinho na mente OK  
não desandei eu me empenhei me dediquei também  
conheço o povo, de Sampa RJ BH Baixada Porto  
Sou Gavião fiel de origem louco  
Nada bobo, não brigo pelo jogo, sou fogo contra fogo  
mais vale uma familia e um qualquer no bolso  
medo, talvez desemprego sofrimento lamento  
vai ser demais, vou viver sem Paz  
pagar veneno, nas ruas falcatrua zé povinho  
um isqueiro, o itinerário de um puteiro é o Brasil  
Brasileiro se infiltraram, as portas se fecharam  
quem rima está aqui, quem não rima aplaude o adversário  
tipo jagunço chabu, neguim até lá  
liberdade já pro Nu e o Baiano  
Se liga na fita danados otários estão maquinados no morro  
falaram que pode atirar na sequência se pa vão prestarem socorro  
mas abre olho, o cara piolho, é sempre um mano dos nossos  
o inimigo meu tem Astra Barca Blazer também tem Moto  
Sul Canão meu bairro, pilotei não deixei rastro  
comentaram sim, forjaram que eu vi, doze panelas do bafo  
mais no bairro eu pego meu filho na fé vinha vindo na fé vou seguir  
Deus que me livre da mira dos tiras mas nêgo eu não fico não brinco nem mosco  
nego só vejo os destroços  
do pobre que acorda com ódio  
o Anjo do céu não pode ser réu

quem vem das ruas, não joga fácil  
tipo Invasor tenebroso, fogo contra fogo  
Lúcio Flavio louco, um corvo  
Sou maloqueiro sou, e lá vou eu Jow  
é um dois pra pegar, então policia sai do pé  
pra meu alivio eu quero um beck  
mais uma vez o enxame quem provoca é o zica (2X)  
Menina Leblon  
vermelho Baton  
foi vista com Jow  
malhando na praça  
Sabot Canão  
Convoca no som  
a Paz dos irmãos  
de toda quebrada  
Sabotage mano Anisio  
Eu vejo diabólico confiro analiso  
um Branco e um Preto unido  
respostas cala o ridiculo  
Vejo assim confisco, mundo submisso  
eu adiquiro peço alivio, Paz para os meu filhos  
na decente, atenciosamente eu sigo em frente tipo assim  
regenerado delinqüente lá do Brooklyn  
não sou Mun-Rá mas tenho sim uns Pit-Bull por mim  
de Zona Oeste à Capão, de Leste à Região  
Norte Oeste tipo Canão, hé ... É embaçado né ladrão  
Canão ou Boqueirão, é várias vezes Jow treta  
eu vi Jow, se a idéia não trocou ganhou dançou  
eu vi colou bola de meia, não teve isqueira  
só não bobeia você lembra, do que tu queiras  
eu, Deus e a Maryjane, versos  
os 16 que se iludirem perde a fé  
mas muitas vezes assim que é  
sei que tem gambé, da pane em Super-Homem  
que também se esquece toma bonde  
Canão lembra a Igreja, o bar do Bé as Breja  
Cobiça, policia, as maguas, os deixa, Jow  
moscô sujou foi pro saco, fico embaçado  
é ninguém trinca é embassado, eu embaço  
na história várias vezes faço hits, dum som Muita Treta  
é você lembra, bate cabeça e a Zica quem curte é da familia  
ladrão proceder não se arrisca, corri na lama  
eu sim sou Brooklyn, do Rap eu sou um terror  
domino o Emilin, Shaquille O'neal, lembro Deda,  
finado meu mano, tipo morse na vida do crime um estopim  
verdade Brown o gosto tá cruel o crime não é mel

o medo vem do céu como foi cruel  
de arrec-cléu click-cléu o povo é algo fel  
eu sou um problema, pra quem pensa que o Rap é pra loque  
demorô vem ver filhos de mãe se envolve  
se não me viu no sapatinho mentiu tô sempre na maior  
guerreiro ando só, Samurai sem sacatró  
também lembrei das vezes eu Durval Chicó  
quem pisa na malote eu sei quem dava dó  
quem for lá no Canão Brooklyn Sul me vê  
a lei das ruas, é rude faz você aprender  
proceder pra vencer pra crescer prevalecer  
Sou maloqueiro sou, e lá vou eu Jow  
é um dois pra pegar, então policia sai do pé  
pra meu alívio eu quero um beck  
mais uma vez o enxame quem provoca é o zica (2X)  
Pode acreditar, Instituto outra vez de pé, Sabotage, Brooklyn Sul Canão, representando,  
a favela no cinema nacional, às grandes tela e tal, é isso aí.

“Eu Não Agüento”

Titãs

Composição: Sérgio Britto

Eu não aguento, não aguento  
Eu não aguento, não aguento  
É de noite, é de dia  
Mão na cabeça e documento  
Eu vou me embora para a ilha, fazer a cabeça  
Sob o sol que irradia,  
queimando em ritual  
É na batida do reggae,  
com o cabelo trançado  
Eu tô livre na vida,  
o que é que há de errado  
Com a noite que brilha,  
o que é que há de errado  
Com a noite que brilha?

“Negro Drama”

Racionais Mc's

Composição: Racionais MC's

Nego drama,  
Entre o sucesso e a lama,  
Dinheiro, problemas,  
Inveja, luxo, fama.

Nego drama,  
Cabelo crespo,  
E a pele escura,  
A ferida, a chaga,  
A procura da cura.  
Nego drama,  
Tenta ver  
E não vê nada,  
A não ser uma estrela,  
Longe meio ofuscada.  
Sente o drama,  
O preço, a cobrança,  
No amor, no ódio,  
A insana vingança.  
Nego drama,  
Eu sei quem trama,  
E quem tá comigo,  
O trauma que eu carrego,  
Pra não ser mais um preto fudido.  
O drama da cadeia e favela,  
Túmulos, sangue,  
Sirene, choros e vela.  
Passageiro do Brasil,  
São Paulo,  
Agonia que sobrevivem,  
Em meio às zorras e covardias,  
Periferias, vielas e cortiços,  
Você deve tá pensando,  
O que você tem haver com isso,  
Desde o início,  
Por ouro e prata,  
Olha quem morre,  
Então veja você quem mata,  
Recebe o mérito, a farda,  
Que pratica o mal,  
Me vê,  
Pobre, preso ou morto,  
Já é cultural.  
Histórias, registros,  
Escritos,  
Não é conto,  
Nem fábula,  
Lenda ou mito,  
Não foi sempre dito,  
Que preto não tem vez,

Então olha o castelo e não,  
Foi você quem fez cuzão,  
Eu sou irmão,  
Dos meus truta de batalha,  
Eu era a carne,  
Agora sou a própria navalha,  
Tim..tim..  
Um brinde pra mim,  
Sou exemplo, de vitórias,  
Trajetos e glórias.  
O dinheiro tira um homem da miséria,  
Mais não pode arrancar,  
De dentro dele,  
A favela,  
São poucos,  
Que entram em campo pra vencer,  
A alma guarda,  
O que a mente tenta esquecer,  
Olho pra trás,  
Vejo a estrada que eu trilhei,  
Mó cota  
Quem teve lado a lado,  
E quem só fico na bota,  
Entre as frases,  
Fases e várias etapas,  
Do quem é quem,  
Dos mano e das mina fraca,  
Hum..  
Nego drama de estilo,  
Pra ser,  
E se for,  
Tem que ser,  
Se temer é milho.  
Entre o gatilho e a tempestade,  
Sempre à provar,  
Que sou homem e não covarde.  
Que deus me guarde,  
Pois eu sei,  
Que ele não é neutro,  
Vigia os rico,  
Mais ama os que vem do gueto,  
Eu visto preto,  
Por dentro e por fora,  
Guerreiro,  
Poeta entre o tempo e a memória.

Hora,  
Nessa história,  
Vejo o dólar,  
E vários quilates,  
Falo pro mano,  
Que não morra, e também não mate,  
O tic tac,  
Não espera veja o ponteiro,  
Essa estrada é venenosa,  
E cheia de morteiro,  
Pesadelo,  
Hum,  
É um elogio,  
Pra quem vive na guerra,  
A paz nunca existiu,  
Num clima quente,  
A minha gente soa frio,  
Vi um pretinho,  
Seu caderno era um fuzil.  
Um fuzil,  
Negro drama.  
Crime, futebol, música, caraio,  
Eu também não consegui fugi disso aí.  
Eu so mais um.  
Forrest gump é mato,  
Eu prefiro conta uma história real,  
Vô conta a minha....  
Daria um filme,  
Uma negra,  
E uma criança nos braços,  
Solitária na floresta,  
De concreto e aço,  
Veja,  
Olha outra vez,  
O rosto na multidão,  
A multidão é um monstro,  
Sem rosto e coração,  
Hey,  
São paulo,  
Terra de arranha-céu,  
A garoa rasga a carne,  
É a torre de babel,  
Família brasileira,  
Dois contra o mundo,  
Mãe solteira,

De um promissor,  
Vagabundo,  
Luz,  
Câmera e ação,  
Gravando a cena vai,  
Um bastardo,  
Mais um filho pardo,  
Sem pai,  
Ei,  
Senhor de engenho,  
Eu sei,  
Bem quem você é,  
Sozinho, cê num guenta,  
Sozinho,  
Cê num entra a pé,  
Cê disse que era bom,  
E a favela ouviu, lá  
Também tem  
Whiski, red bull,  
Tênis nike e  
Fuzil,  
Admito,  
Seus carro é bonito,  
É,  
Eu não sei fazê,  
Internet, video-cassete,  
Os carro loco,  
Atrasado,  
Eu tô um pouco sim,  
Tô,  
Eu acho,  
Só que tem que,  
Seu jogo é sujo,  
E eu não me encaixo,  
Eu sô problema de montão,  
De carnaval a carnaval,  
Eu vim da selva,  
Sou leão,  
Sou demais pro seu quintal,  
Problema com escola,  
Eu tenho mil,  
Mil fita,  
Inacreditável, mas seu filho me imita,  
No meio de vocês,  
Ele é o mais esperto,

Ginga e fala gíria,  
Gíria não dialeto,  
Esse não é mais seu,  
Hó,  
Subiu,  
Entrei pelo seu rádio,  
Tomei,  
Cê nem viu,  
Nóis é isso ou aquilo,  
O quê?,  
Cê não dizia,  
Seu filho quer ser preto,  
Rhá,  
Que irônia,  
Cola o pôster do 2Pac ai,  
Que tal,  
Que cê diz,  
Sente o negro drama,  
Vai,  
Tenta ser feliz,  
Ei bacana,  
Quem te fez tão bom assim,  
O que cê deu,  
O que cê faz,  
O que cê fez por mim,  
Eu recebi seu tic,  
Quer dizer kit,  
De esgoto a céu aberto,  
E parede madeirite,  
De vergonha eu não morri,  
To firmão,  
Eis me aqui,  
Voce não,  
Se não passa,  
Quando o mar vermelho abrir,  
Eu sou o mano  
Homem duro,  
Do gueto, brow,  
Obá,  
Aquele loco,  
Que não pode errar,  
Aquele que você odeia,  
Amar nesse instante,  
Pele parda,  
Ouço funk,

E de onde vem,  
Os diamante,  
Da lama,  
Valeu mãe,  
Negro drama,  
Drama, drama.  
Aê, na época dos barraco de pau lá na pedrera onde vcs tavam?  
O que vocês deram por mim ?  
O que vocês fizeram por mim ?  
Agora tá de olho no dinheiro que eu ganho  
Agora tá de olho no carro que eu dirijo  
Demorou, eu quero é mais  
Eu quero até sua alma  
Aí, o rap fez eu ser o que sou  
Ice blue, edy rock e klj, e toda a família  
E toda geração que faz o rap  
A geração que revolucionou  
A geração que vai revolucionar  
Anos 90, século 21  
É desse jeito  
Aê, você saí do gueto, mas o gueto nunca saí de você, morou irmão  
Você tá dirigindo um carro  
O mundo todo tá de olho ni você, morou  
Sabe por quê?  
Pela sua origem, morou irmão  
É desse jeito que você vive  
É o negro drama  
Eu não li, eu não assisti  
Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama  
Eu sou o fruto do negro drama  
Aí dona ana, sem palavra, a senhora é uma rainha, rainha  
Mas ae, se tiver que voltar pra favela  
Eu vou voltar de cabeça erguida  
Porque assim é que é  
Renascendo das cinzas  
Firme e forte, guerreiro de fé  
Vagabundo nato

## 2. Poemas

“Bandido Negro”

*Os Escravos*

Castro Alves

Sigo só caminhando serra acima,  
E meu cavalo a galopar se anima  
Aos bafos da manhã.

A alvorada se eleva do levante,  
E, ao mirar na lagoa seu semblante,  
Julga ver sua irmã.

As estrelas fugindo aos nenufares,  
Mandam rútilas pérolas dos ares  
De um desfeito colar.  
No horizonte desvendam-se as colinas,  
Sacode o véu de sonhos de neblinas  
A terra ao despertar.

Tudo é luz, tudo aroma e murmúrio.  
A barba branca da cascata o rio  
Faz orando tremer.  
No descampado o cedro curva a frente,  
Folhas e prece aos pés do Onipotente  
Manda a lufada erguer.

Terra de Santa Cruz, sublime verso  
Da epopéia gigante do universo,  
Da imensa criação.  
Com tuas matas, ciclopes de verdura,  
Onde o jaguar, que passa na espessura,  
Roja as folhas no chão;

Como és bela, soberba, livre, ousada!  
Em tuas cordilheiras assentada  
A liberdade está.  
A púrpura da bruma, a ventania  
Rasga, espedaça o cetro que s'erguia  
Do rijo piquiá.

Livre o tropeiro toca o lote e canta  
A lânguida cantiga com que espanta  
A saudade, a aflição.  
Solto o ponche, o cigarro fumegando  
Lembra a serrana bela, que chorando  
Deixou lá no sertão.

Livre, como o tufão, corre o vaqueiro  
Pelos morros e várzea e tabuleiro  
Do intrincado cipó.  
Que importa'os dedos da jurema aduncos?  
A anta, ao vê-los, oculta-se nos juncos,  
Voa a nuvem de pó.

Dentre a flor amarela das encostas  
Mostra a testa luzida, as largas costas  
No rio o jacaré.  
Catadupas sem freios, vastas, grandes,

Sois a palavra livre desses Andes  
Que além surgem de pé.

Mas o que vejo? É um sonho!... A barbaria  
Erguer-se neste séc'lo, à luz do dia.  
Sem pejo se ostentar.  
E a escravidão — nojento crocodilo  
Da onda turva expulso lá do Nilo —  
Vir aqui se abrigar! ...

Oh! Deus! não ouves dentre a imensa orquestra  
Que a natureza virgem manda em festa  
Soberba, senhoril,  
Um grito que soluça aflito, vivo,  
O retinir dos ferros do cativo,  
Um som discorde e vil?

Senhor, não deixes que se manche a tela  
Onde traçaste a criação mais bela  
De tua inspiração.  
O sol de tua glória foi toldado...  
Teu poema da América manchado,  
Manchou-o a escravidão.

Prantos de sangue — vagas escarlates —  
Toldam teus rios — lúbricos Eufrates  
Dos servos de Sião.  
E as palmeiras se torcem torturadas,  
Quando escutam dos morros nas quebradas  
O grito de aflição.

Oh! ver não posso este labéu maldito!  
Quando dos livres ouvirei o grito?  
Sim... talvez amanhã.  
Galopa, meu cavalo, serra acima!  
Arranca-me a este solo. Eia! te anima  
Aos bafos da manhã!

“Navio Negreiro”  
Os Escravos  
Castro Alves

I  
'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço  
Brinca o luar — dourada borboleta;  
E as vagas após ele correm... cansam  
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento  
Os astros saltam como espumas de ouro...

O mar em troca acende as ardentias,  
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos  
Ali se estreitam num abraço insano,  
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...  
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas  
Ao quente arfar das virações marinhas,  
Veleiro brigue corre à flor dos mares,  
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes  
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?  
Neste saara os corcéis o pó levantam,  
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora  
Sentir deste painel a majestade!  
Embaixo — o mar em cima — o firmamento...  
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!  
Que música suave ao longe soa!  
Meu Deus! como é sublime um canto ardente  
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros,  
Tostados pelo sol dos quatro mundos!  
Crianças que a procela acalentara  
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba  
Esta selvagem, livre poesia  
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,  
E o vento, que nas cordas assobia...

.....

Por que foges assim, barco ligeiro?  
Por que foges do pávido poeta?  
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira  
Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,  
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,  
Sacode as penas, Leviathan do espaço,  
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

## II

Que importa do nauta o berço,  
Donde é filho, qual seu lar?  
Ama a cadência do verso  
Que lhe ensina o velho mar!  
Cantai! que a morte é divina!  
Resvala o brigue à bolina  
Como golfinho veloz.  
Preso ao mastro da mezena  
Saudosa bandeira acena  
As vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas  
Requebradas de langor,  
Lembram as moças morenas,  
As andaluzas em flor!  
Da Itália o filho indolente  
Canta Veneza dormente,  
— Terra de amor e traição,  
Ou do golfo no regaço  
Relembra os versos de Tasso,  
Junto às lavas do vulcão!

O Inglês — marinheiro frio,  
Que ao nascer no mar se achou,  
(Porque a Inglaterra é um navio,  
Que Deus na Mancha ancorou),  
Rijo entoa pátrias glórias,  
Lembrando, orgulhoso, histórias  
De Nelson e de Aboukir.. .  
O Francês — predestinado —  
Canta os louros do passado  
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros Helenos,  
Que a vaga jônia criou,  
Belos piratas morenos  
Do mar que Ulisses cortou,  
Homens que Fídias talhara,  
Vão cantando em noite clara  
Versos que Homero gemeu ...  
Nautas de todas as plagas,  
Vós sabeis achar nas vagas  
As melodias do céu! ...

## III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!  
Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano  
Como o teu mergulhar no brigue voador!  
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!

É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...  
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

#### IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho  
Que das luzernas avermelha o brilho.  
Em sangue a se banhar.  
Tinir de ferros... estalar de açoite...  
Legiões de homens negros como a noite,  
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas  
Magras crianças, cujas bocas pretas  
Rega o sangue das mães:  
Outras moças, mas nuas e espantadas,  
No turbilhão de espectros arrastadas,  
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...  
E da ronda fantástica a serpente  
Faz doudas espirais ...  
Se o velho arqueja, se no chão resvala,  
Ouvem-se gritos... o chicote estala.  
E voam mais e mais...

Presas nos elos de uma só cadeia,  
A multidão faminta cambaleia,  
E chora e dança ali!  
Um de raiva delira, outro enlouquece,  
Outro, que martírios embrutece,  
Cantando, geme e ri...

No entanto o capitão manda a manobra,  
E após fitando o céu que se desdobra,  
Tão puro sobre o mar,  
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:  
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!  
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .  
E da ronda fantástica a serpente  
Faz doudas espirais...  
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...  
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!  
E ri-se Satanás!...

#### V

Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus!

Se é loucura... se é verdade  
Tanto horror perante os céus?!  
Ó mar, por que não apagas  
Co'a esponja de tuas vagas  
De teu manto este borrão?...  
Astros! noites! tempestades!  
Rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados  
Que não encontram em vós  
Mais que o rir calmo da turba  
Que excita a fúria do algoz?  
Quem são? Se a estrela se cala,  
Se a vaga à pressa resvala  
Como um cúmplice fugaz,  
Perante a noite confusa...  
Dize-o tu, severa Musa,  
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,  
Onde a terra esposa a luz.  
Onde vive em campo aberto  
A tribo dos homens nus...  
São os guerreiros ousados  
Que com os tigres mosqueados  
Combatem na solidão.  
Ontem simples, fortes, bravos.  
Hoje míseros escravos,  
Sem luz, sem ar, sem razão. . .

São mulheres desgraçadas,  
Como Agar o foi também.  
Que sedentas, alquebradas,  
De longe... bem longe vêm...  
Trazendo com túbios passos,  
Filhos e algemas nos braços,  
N'alma — lágrimas e fel...  
Como Agar sofrendo tanto,  
Que nem o leite de pranto  
Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,  
Das palmeiras no país,  
Nasceram crianças lindas,  
Viveram moças gentis...  
Passa um dia a caravana,  
Quando a virgem na cabana  
Cisma da noite nos véus ...  
... Adeus, ó choça do monte,

... Adeus, palmeiras da fonte!...  
... Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...  
Depois, o oceano de pó.  
Depois no horizonte imenso  
Desertos... desertos só...  
E a fome, o cansaço, a sede...  
Ai! quanto infeliz que cede,  
E cai p'ra não mais s'erguer!...  
Vaga um lugar na cadeia,  
Mas o chacal sobre a areia  
Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,  
A guerra, a caça ao leão,  
O sono dormido à toa  
Sob as tendas d'amplidão!  
Hoje... o porão negro, fundo,  
Infecto, apertado, imundo,  
Tendo a peste por jaguar...  
E o sono sempre cortado  
Pelo arranco de um finado,  
E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,  
A vontade por poder...  
Hoje... cúm'lo de maldade,  
Nem são livres p'ra morrer. .  
Prende-os a mesma corrente  
— Férrea, lúgubre serpente —  
Nas roscas da escravidão.  
E assim zombando da morte,  
Dança a lúgubre coorte  
Ao som do açoute... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus,  
Se eu deliro... ou se é verdade  
Tanto horror perante os céus?!...  
Ó mar, por que não apagas  
Co'a esponja de tuas vagas  
Do teu manto este borrão?  
Astros! noites! tempestades!  
Rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão! ...

## VI

Existe um povo que a bandeira empresta

P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...  
E deixa-a transformar-se nessa festa  
Em manto impuro de bacante fria!...  
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,  
Que impudente na gávea tripudia?  
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto  
Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...

Auriverde pendão de minha terra,  
Que a brisa do Brasil beija e balança,  
Estandarte que a luz do sol encerra  
E as promessas divinas da esperança...  
Tu que, da liberdade após a guerra,  
Foste hasteado dos heróis na lança  
Antes te houvessem roto na batalha,  
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!  
Extingue nesta hora o brigue imundo  
O trilho que Colombo abriu nas vagas,  
Como um íris no pélagos profundo!  
Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga  
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!  
Andrada! arranca esse pendão dos ares!  
Colombo! fecha a porta dos teus mares!